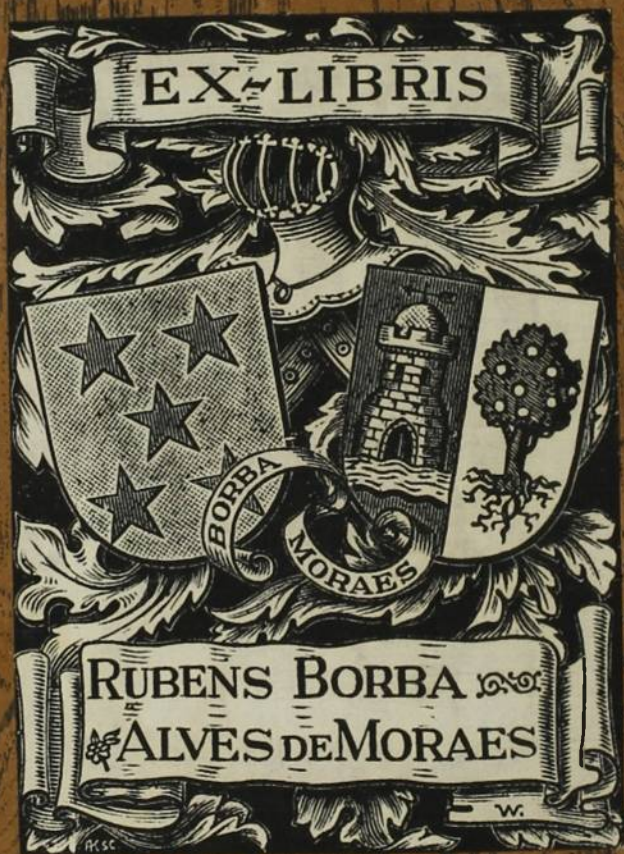


B. OCTAVIO

CAMPINAS ANTIGA

AS FESTAS DE 1846





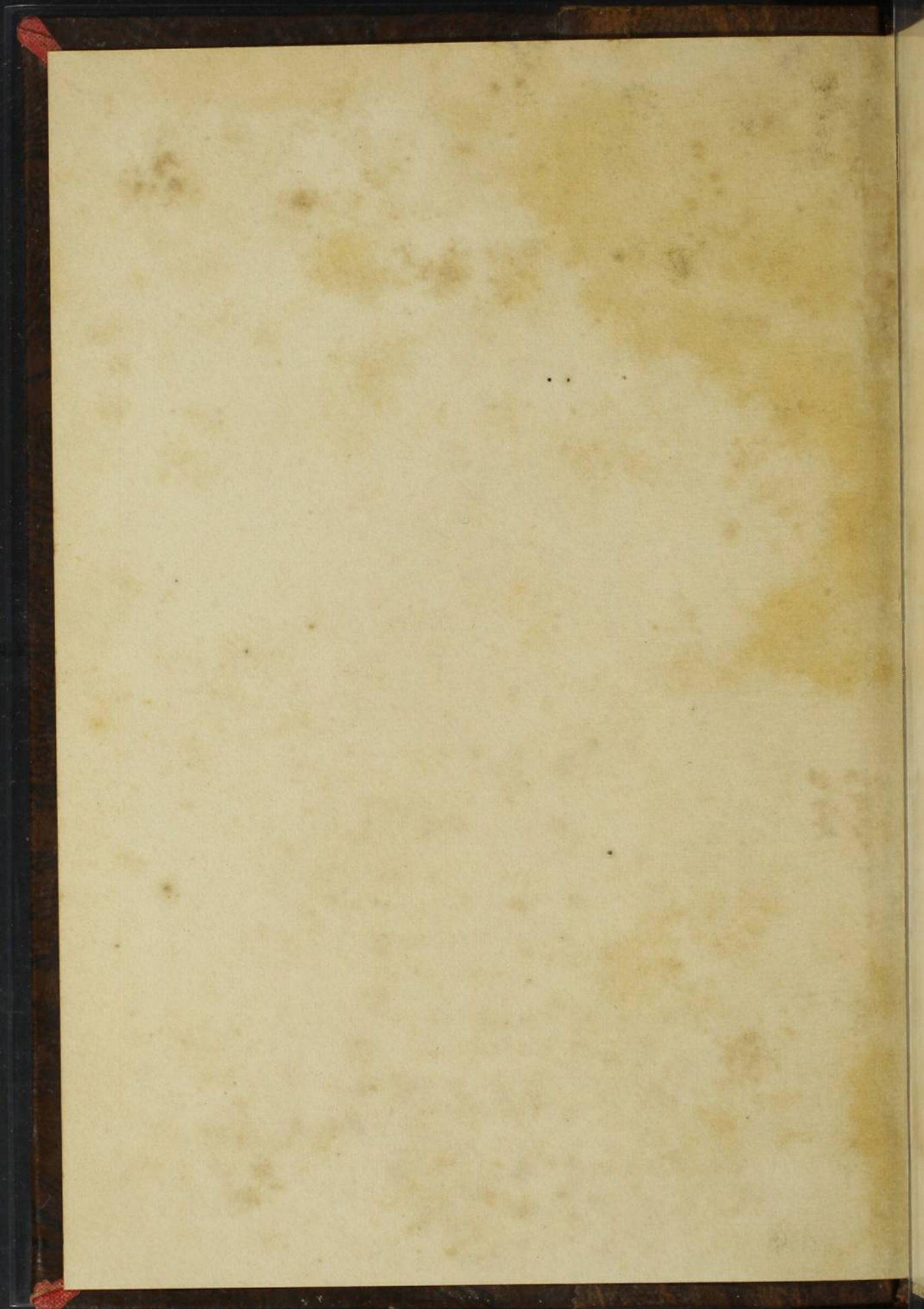
EX-LIBRIS

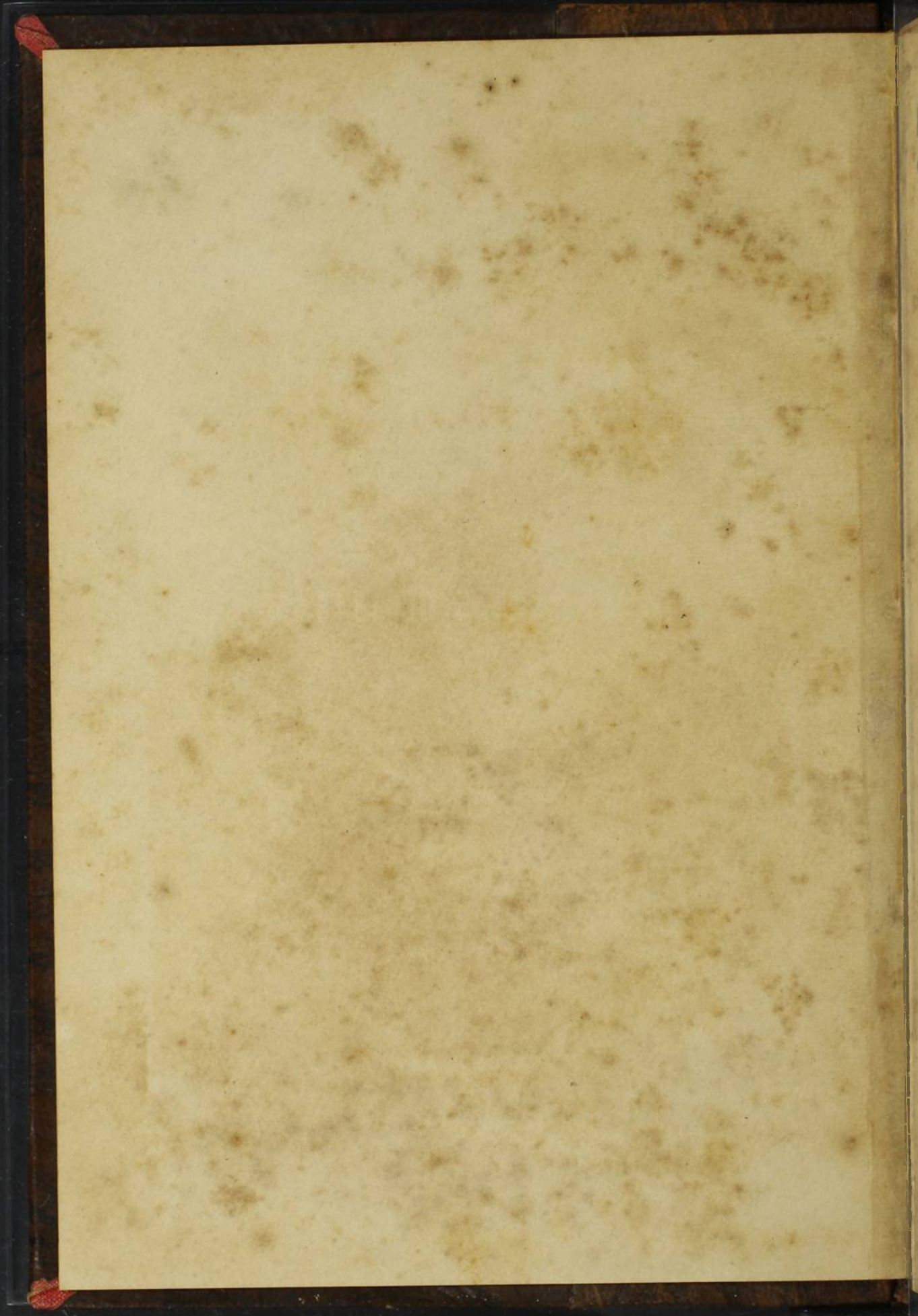
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





B. OCTAVIO

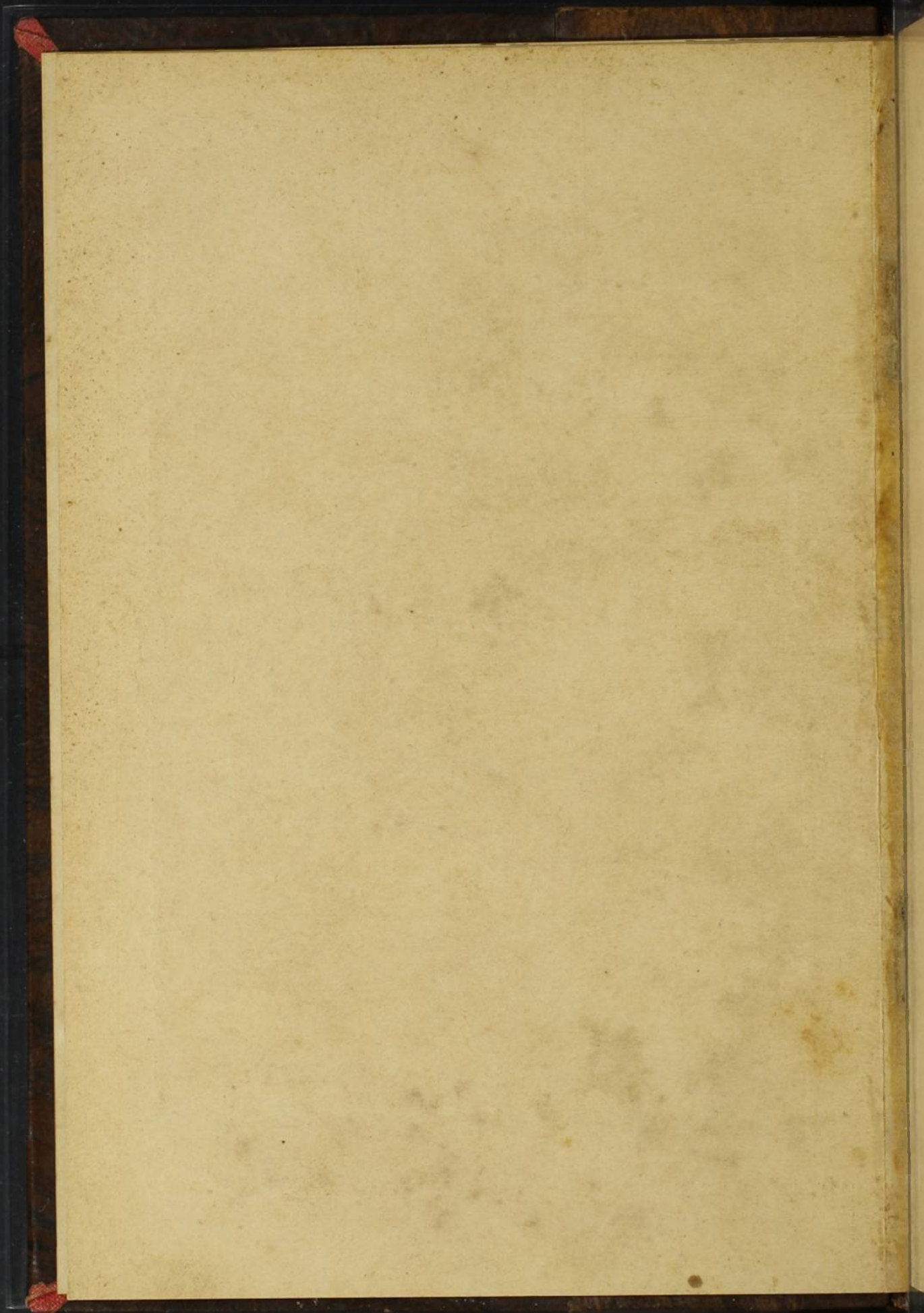
CAMPINAS ANTIGA

AS FESTAS DE 1846



CAMPINAS

Typ. á vapor LIVRO AZUL—A. B. de Castro Mendes
1905



B. OCTAVIO

CAMPINAS ANTIGA

AS FESTAS DE 1846

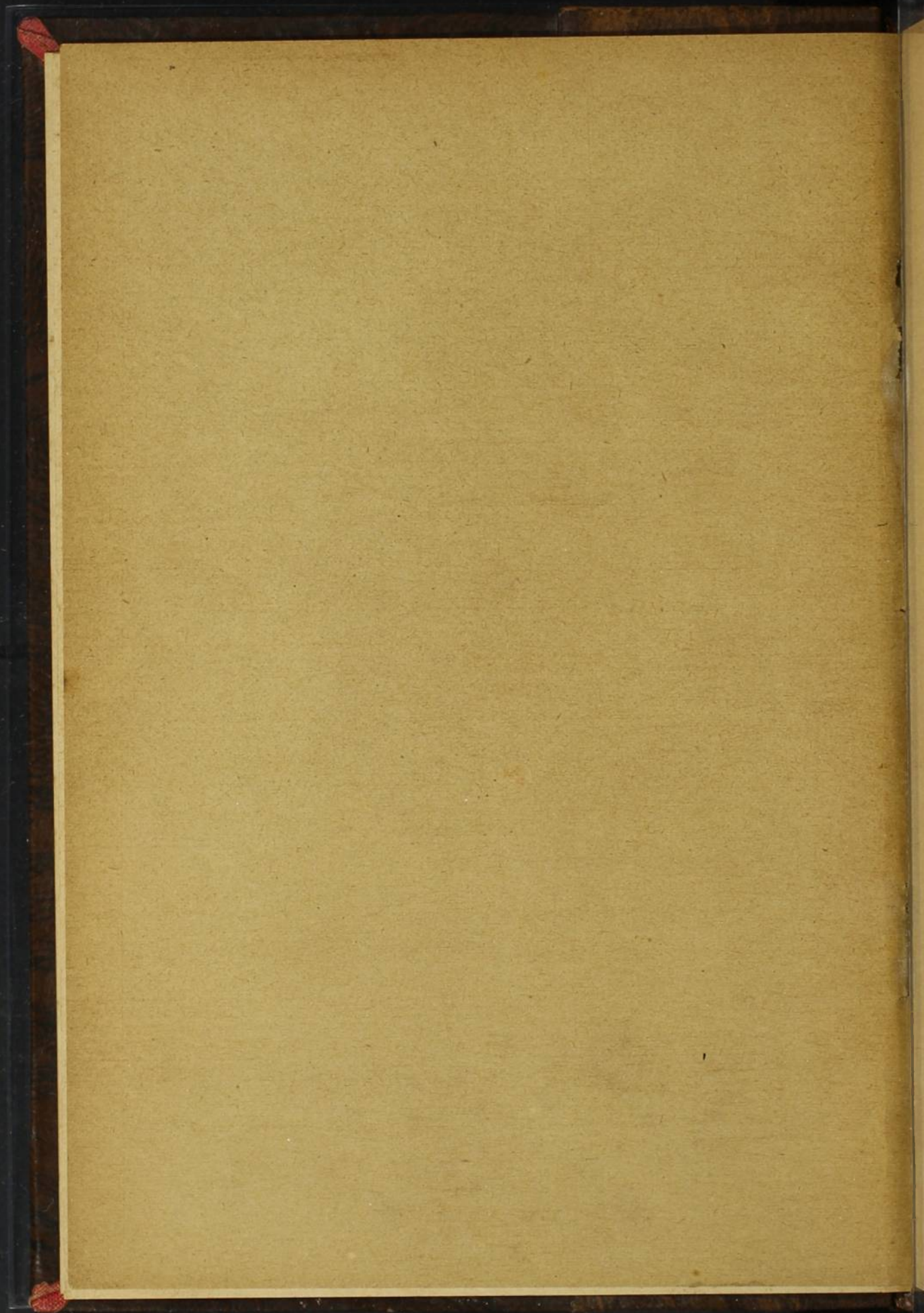


CAMPINAS

Typ. á vapor LIVRO AZUL—A. B. de Castro Mendes

1905

deu copy



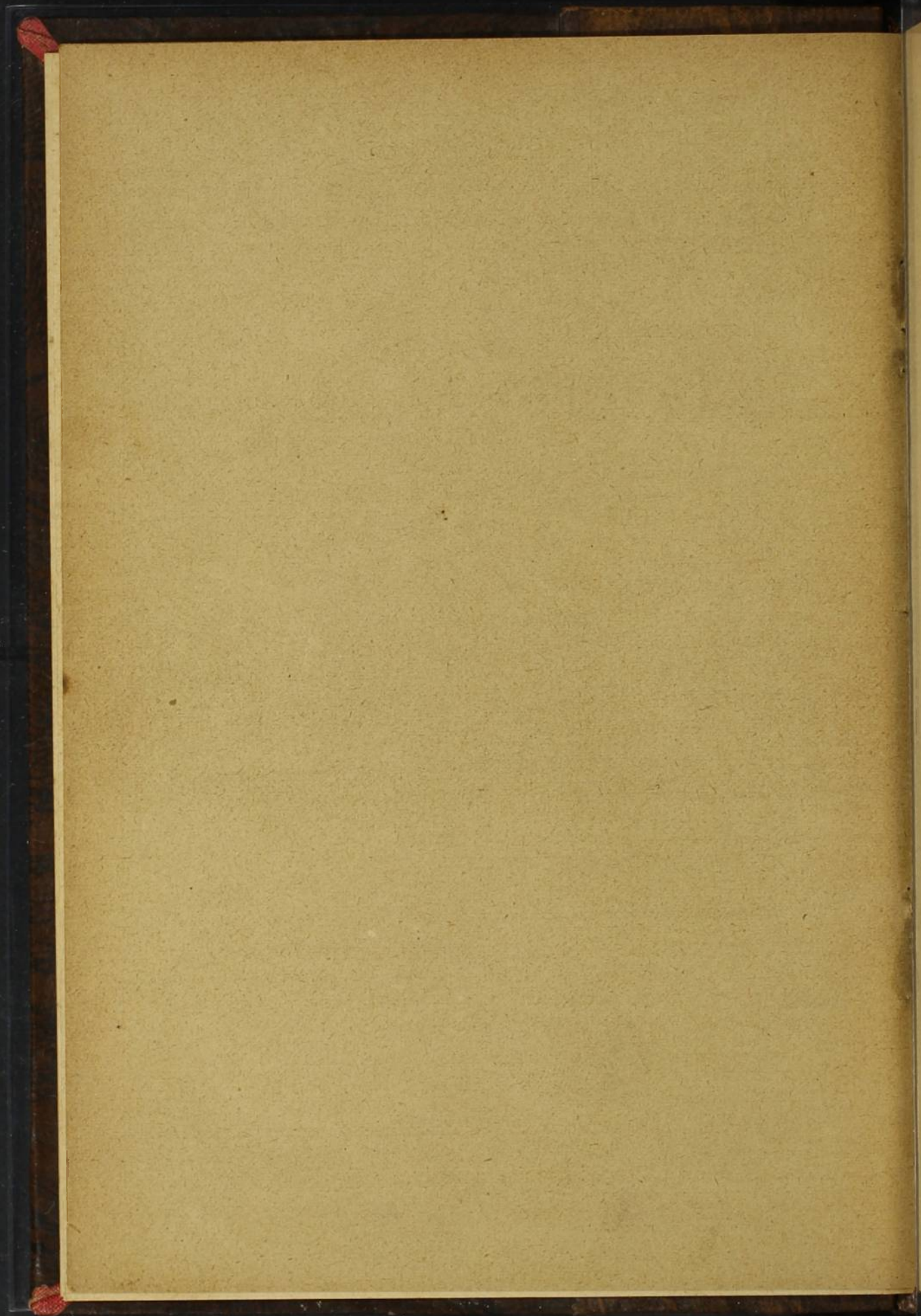
fi

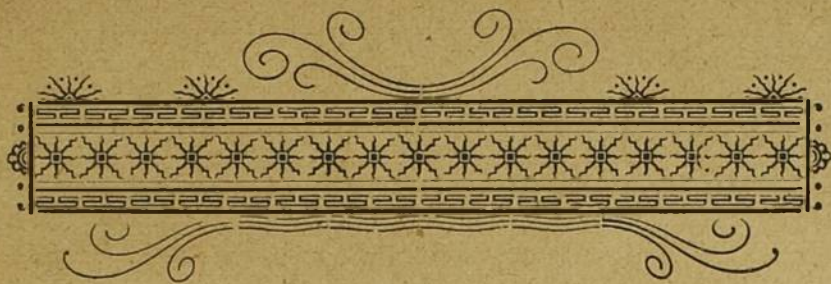
Leopoldo Amaral

Campineiro e bairrista.

B. Octavio.

Dezembro de 1904.





CAMPIÑAS ANTIGA

As festas de 1846



TENTAMOS apresentar em outros trabalhos (*) duas phases da vida campineira antiga: uma tragica, outra heroica.

Tentaremos descrever agora terceira, jubilosa. E' a historia das festas aqui feitas em 1846, pela chegada a Campinas, em visita, pela primeira vez, de S. M. o Imperador D. Pedro II, no vigesimo primeiro anno de idade e no quinto de reinado effectivo.

Vimos a lei, dura e má, iniciar a forca que, pelo espaço de trinta e tres annos em Campinas, justicou homens, fazendo-os pernear, de corda ao pescoço, entre os seus postes altos; vimos o amor á liberdade levar cidadãos ao porte das armas e ao fogo dos combates. Vejamos agora o povo satisfeito e festivo accorrer com flores ao encontro do seu monarcha bem amado.

(*) *A Forca e Venda Grande*, em preparação.

Depois do cadafalso, a fortaleza; depois desta, o throno.

Avistámos armas em funeral rodeando o patibulo: avistamol-as em pontaria disparando a morte. Avistal-as-emos, por fim, em continencia.

Tres phases distinctas, no curto espaço de um decennio, estas epocas encerram para o pensador a carateristica do povo formado por Barreto Leme: si elle acceita o despotismo das leis, não se acurva ao dos governos e é prompto sempre para festejar aquelle que, ao tempo, represente a suprema direcção do Estado e seja como que o penhor da felicidade da Patria.

Mesmo aquelles que, como nós outros, não commungam nessas idéas de respeito e de amor aos reis, pelo simples factó de serem reis, não se podem eximir de olhar com sympathia essas manifestações alegres.

E é que ellas representam mais do que uma grande homenagem ao Soberano Constitucional; mais do que quatro dias de diversões; mais do que ostentação de riquezas. Revelam a vitalidade de um povo.

São a prova de que, em 1846, quatro annos depois de elevada a cidade, Campinas tinha no seio os germens da sua prosperidade e do seu progresso; e de que as artes e as industrias ensaiavam já poderoso surto na terra e podiam se apresentar em qualquer certame, que não foi mais do que isso a festividade famosa daquelle tempo antigo.

B. O.





I

PREPARATIVOS

A viagem imperial de 1845 — Grata nova — Azáfama na Camara — Sessões continuas — O jubilo popular. (1)

PORQUE, feita a pacificação do Rio Grande do Sul, e morta a Republica de Piratinim, SS. MM. II. resolvessem e fizessem uma viagem á heroica provincia dos Pampas, determinaram tambem, de retorno, demorar-se na terra illustre dos Andradas, visitando-lhe as principaes cidades. (2)

A Camara Municipal de Campinas, sabendo disso em virtude de comunicação do presidente da provincia, marechal de campo Manoel

(1) Para não multiplicar as notas, devemos declarar que os apontamentos para a redacção desta memoria, além dos de tradição oral, foram hauridos no archivo da Camara Municipal de Campinas. Acham-se: no livro de actas de 1843-47; no de contas, do tempo; num de *Factos notaveis*; nos de registros geraes (de 1842-57, de fls. 32 a 40 v.) e de correspondencia (de 1839-49, de fls. 70 a 98); em dois maços rotulados *actos da Camara* de 1845 e 46 e num outro de docs. com recibos de fornecedores, subscrições, contas, etc., tudo relativo ás festas de que vamos tratar, e de que é este escripto um pallido resumo.

(2) Para conhecimento dos que o ignoram e lembrança dos que o olvidaram, diremos que o Imperador D. Pedro II de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Mi-

da Fonseca Lima e Silva (depois barão de Suruhy e marechal do exercito), reuniu-se em sessão extraordinaria numa terça-feira, 14 de Outubro de 1845, e os vereadores que compareceram, em numero de cinco, tomaram conhecimento do magno assumpto, annuciado por um bando de 27 de Setembro do mesmo anno. (3)

A Edilidade, jubilosa, resolveu e fez publicar um edital convidando os moradores para

guel Gabriel Raphael Gonzaga nasceu no Palacio de Boa Vista em 2 de Dezembro de 1825; succedeu a seu pae no throno do Brazil em 7 de Abril de 1831; foi declarado maior em 23 de Julho de 1840, sagrado e coroado a 18 de Julho de 1841; casou-se por procuração em 30 de Maio e em pessoa a 4 de Setembro de 1843 com D. Thereza Christina Maria, filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias (nascida em Napoles a 14 de Março de 1822 e fallecida no Porto em 28 de Dezembro de 1889); deposto do throno em 15 de Novembro de 1889 — sem um protesto daquelles que hoje o endeusam — a 17 do mesmo mez retirou-se para a Europa e morreu em Pariz a 5 de Dezembro de 1891.

(3) Os vereadores eleitos para o quadriennio de 1845-48 eram os srs. Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, presidente, Joaquim Polycarpo Aranha, Quirino do Amaral Campos, Francisco de Paula Salles, José de Barros Penteado, Luciano Teixeira Nogueira; Diogo Benedicto dos Santos Prado, Manuel Fernandes Palhares de Andrade e Bernardo José de Sampaio que, por doente, varias vezes pediu demissão que lhe foi negada. Eram mais: secretario interino, Luiz de França Camargo; procurador, Francisco Ferreira Pires; e fiscal, José Machado de Barros.

Todos esses cidadãos são conhecidos, provindo de familias distinctas da terra e, por sua vez, constituiram-se patriarchas de numerosas proles. Francisco de Paula Salles, por exemplo, contou entre seus filhos o dr. Manoel Ferraz de Campos Salles.

Os ultimos sobreviventes dessa turma foram Joaquim Polycarpo Aranha (barão de Itapura), estimado cidadão que todos veneravam e que falleceu nonagenario, em 6 de Janeiro de 1902, e Quirino do Amaral Campos, ainda mais velho, morto aos 96 annos, em Junho de 1901.

Quirino do Amaral, que as novas gerações não conheceram, pelo retrahimento em que elle vivia nos ultimos tempos, em seu sitio dos *Amaraes*, foi professor de «latinidade e francez» em Campinas, desde 7 de Janeiro de 1845. Entre os seus alumnos, segundo um mappa escolar de 1846, archivado na Camara, figuram: João Ataliba Nogueira (o venerando barão desse nome), Thomaz Gonçalves Gomide, Luiz Silverio Alves Cruz, João Baptista Morato do Canto. Tinha 28 alumnos. Os outros professores publicos eram então: Custodio José Ignacio Rodrigues, com 39 alumnos, e Jacintha Rosa de São José, com 22 discipulas.

que, á vista da possível chegada breve dos augustos itinerantes, se preparassem convenientemente. O edital diz: «... calhem suas casas e muros, capinem suas testadas, etc.»

Marcou ainda uma reunião popular em casa do cidadão Joaquim José dos Santos, para se tratar da materia.

No dia seguinte (15) espalhou-se novo edital determinando ao fiscal que promovesse o preparo das ruas; a secretaria officiou a doze habitantes, pessoas notaveis, pedindo-lhes que cuidassem do arranjo da estrada de São Paulo e a varios cidadãos que angariassem, mediante subscrição, donativos para occorrer aos gastos presumiveis.

Em sessão de 25, para essa commissão foram escolhidos os municipales Joaquim Moreira de Carvalho, José Joaquim de Souza Aranha, Antonio de Camargo Campos e José de Souza Campos. Alguns se excusaram.

Nessa mesma reunião, com a solennidade da praxe e presentes os clavicularios, foi aberto o cofre municipal que continha 412\$280, achando-se entre o dinheiro em caixa «quatro sedulas das azues de 5\$000 da 2.^a estampa e uma das brancas» tambem de 5\$000.

Para a organização das festas, foi dirigido um convite ás pessoas gradas que se deviam reunir na casa da Camara, em 1 de Novembro. Não se sabe o que ahi se combinou.

Mas, a 8 de Novembro, em vereança, o presidente indicou que houvesse cavalladas, pois não se comprehendia, na época, uma festa de importancia desprovida desse divertimento.

Foram enviados officios a trinta e dois cidadãos que deviam dar dezeseis cavalleiros. (4)

Nomeações desse dia: do alferes Raymundo Alvares dos Santos Prado Leme, thesoureiro da commissão ; de Sebastião José Xavier de Brito e Francisco Ferreira Pires, escrivão e cobrador da mesma ; de Antonio Rodrigues de Almeida e o mencionado Sebastião de Brito para os arranjos da casa que iria servir de paço imperial; dos tenentes Antonio Benedicto de Cerqueira Leite e João Dias de Quadros Aranha para primeiro e segundo instructores das cavalladas; do capitão Francisco Alves de Sousa e Joaquim Roberto Alves, para as festas de egreja, compra de fogos, etc.; de Serafim Gomes Moreira e José Alves de Assumpção, para a factura de um arco proximo á cadeia publica ; do major Antonio José de Brito, capitão Francisco Alves

(4) Dois cidadãos custeavam as despezas de um cavalleiro. Era o costume. Os convidados foram:

Que não se recusaram — capitão Elisiario de Camargo Andrade, Joaquim José Soares de Carvalho, Joaquim Antonio de Arruda, Antonio de Camargo Campos, Antonio de Pontes, alferes Theodoro Franco de Andrade, Joaquim Egydio de Souza Aranha, Joaquim José dos Santos, Bento dos Santos, Candido José da Silva Serra, ajudante Alvaro Xavier de Camargo e Silva, Joaquim Polycarpo Aranha, capitão Manuel Carlos Aranha, capitão Agostinho José de Carvalho, Antonio José Vieira Barbosa, Carlos Augusto do Amaral e dr. Francisco de Assis Pupo (17);

Que se recusaram — José Bonifacio de Campos Ferraz, alferes José de Campos Penteado, d. Ursula Franco de Andrade Barbosa, commendador José Franco de Andrade, José Joaquim de Souza Aranha, major Domingos da Costa Machado, major Antonio Rodrigues de Almeida, tenente-coronel Francisco José de Camargo Andrade, Joaquim Ferreira Penteado, José de Souza Siqueira, Bernardo José de Sampaio, Joaquim Bonifacio do Amaral, dr. Joaquim Fernandes da Fonseca, José de Salles Leme, José de Souza Campos. (15)

O motivo principal da recusa foi a proximidade das cavalladas por occasião da festa do Espirito Santo, de que era festeiro o dr. Joaquim F. Fonseca, juiz de direito. Alguns officios, em resposta, estão archivados. O capitão Bonifacio do Amaral (futuro e illustre visconde de Indayatuba) reconsiderou de seu acto, como adiante se verá.

de Sousa e Antonio Ferreira de Camargo, para a subscrição na cidade, porquanto dois dos nomeados tinham pedido dispensa. (5)

Ainda nessa data, *séance tenante*, leu-se uma carta do padre Joaquim Duarte Novaes, dizendo que «ainda que era defunto, com tudo animado e ambicioso da gloria desta cidade», achava que deviam todos «imitar Antonio Manuel Teixeira, grande em tudo, no patriotismo, no animo e nas acções» e, portanto offerencia 500\$000 para as festas, o que lhe valeu uma resposta encomiastica da Camara, redigida na mesma occasião. (6)

Officiou-se aos mestres de carapinas sargento-mór José Bento e mais quatro para, pela classe, fazerem o arco entre a cadêa e a casa do juiz de direito, faceando o largo da matriz velha (hoje Bento Quirino).

Officiou-se mais ao capitão Felisberto Pinto Tavares pedindo-lhe a sua casa de sobrado para a hospedagem a S. M. Imperial(7); aos nomeados para os preparos do paço, ornamentação da egreja, etc.

(5) Das listas que se acham no archivo e occupam tres folhas de papel, extrahimos os seguintes nomes de subscriptores conhecidos: — Antonio Manuel Teixeira, 1:000\$; padre Joaquim Duarte Novaes, 500\$; José de Campos Penteadó, 400\$; Joaquim José dos Santos, Joaquim Polycarpo Aranha e irmão, 200\$; dd. Thereza Miquelina do Amaral Pompeu e Ursula F. de A. Barbosa, Elisiario de Camargo Andrade, Luciano T. Nogueira, Francisco de Camargo Andrade, Querubim U. R. C. e Castro, 100\$; d. Anna Euphrosina de Almeida Nogueira, Joaquim Ferreira Penteadó, 50\$; Candido Xavier da Silveira Bueno, 30\$; dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Hercules Florence, 20\$; Floriano de Campos Penteadó, 10\$000.

(6) Esse sacerdote, que se achava enfermo — segundo se deprehende de sua carta — falleceu em 15 de novembro de 1845. Encontra-se entre os docs. da despeza a nota de 6\$640 gastos pelo *proprio* que foi a «Porto Feliz receber do inventariante e testamenteiro» do padre Novaes a quantia por este offercida.

(7) Não ha hoje noticias exactas deste cidadão. Sabe-se que era abastado negociante e possuia terrenos que iam desde a rua do Alc-

Na sessão de 16 de novembro foram lidos officios: do capitão Elisiario de Camargo Andrade, pedindo a nomeação de uma outra pessoa para ajudal-o a dar cavalleiro, pela recusa da indicada; do major Antonio José de Brito e capitão Francisco Alves de Sousa, excusando-se de promoverem a subscrição; de Lourenço Antonio Leme, no mesmo sentido quanto aos sitios; de quatro cidadãos, que não podiam dar cavalleiros; de Serafim Gomes Moreira, de não se dispôr a fazer o arco pedido.

A Camara então resolveu não fazer cavalladas, mas uma grande illuminação em lugar dellas, e encarregou disso a Antonio Monteiro de Carvalho e Silva, (o *Pingurra*) bem como de contractar a missa cantada e o *Te-Deum*.⁽⁸⁾ Deliberou mais que fosse convidado o conego Ildefonso Xavier Ferreira para prégar na occasião. Foram addidos á commissão angariadora de donativos — Diogo Benedicto dos Santos Prado e Quirino do Amaral Campos.

Em communicações escriptas, presentes á Camara em sessão de 27, declaravam outros cidadãos não poder dar cavalleiros, ao passo que Felisberto Pinto dizia conceder a sua casa de bom grado.

No dia 4 de dezembro, nova sessão e no-

erim (14 de dezembro) até o ponto onde funciona o Gazometro, lugar agora das propriedades do exmo. barão de Ibitinga. Informam-nos que sua familia se fixou mais tarde em Mogy-mirim. Felisberto em 1848 já era morto, segundo lemos num livro da Camara. O sobrado que elle offereceu para hospedar o Imperador é hoje a residencia do titular supramencionado, á rua Dr. Quirino, esquina da rua 14 de Dezembro.

(8) A illuminação foi depois contractada por 1:000\$, recebendo o encarregado, por conta, metade da quantia; a armação da igreja (o Rosario) por 150\$ com o mesmo Antonio Monteiro.

vos officios: de José de Campos Penteado, ausente, communicando que, sem poder dar cavalleiro, contribuia entretanto, com 400\$, o que foi «recebido com especial agrado»; do dr. Francisco de Assis Pupo, pedindo collega para dar cavalleiro; do capitão Elisiario, de não dar cavalleiro, por havel-o promettido para a proxima festa, sinão sendo muito preciso, mas de concorrer com 100\$; do major Almeida, de não ter tempo para arranjar o paço, pelos seus afazeres como commandante interino do batalhão da Guarda Nacional; de outras pessoas, que não podiam prestar auxilio para as cavalladas.

Foi deliberado pedir-se ao governo da provincia tres peças de artilheria para as descargas na occasião da chegada, declarando-se que ellas ficariam a cargo do tenente José Delfino de Camargo (dos Permanentes), que era entendido; e assim tambem requisitar cento e cincoenta bandoleiras para o major Almeida, o commandante interino da infantaria da Guarda Nacional, cuja musica devia ir a São Paulo assistir à entrada dos imperiaes excursionistas.

Ha officios de 9 de Dezembro a trinta e um habitantes das vizinhanças recommendando-lhes que preparem a estrada de Mogy-Mirim, para o caso de seguir S. M. para esse lado, e ao vigario de Santa Barbara que promova subscrição entre os seus parochianos. (9)

O marechal presidente da provincia, em

(9) Este vigario, encommendado, era padre Miguel Joaquim do Amaral Gurgel. A freguezia fôra annexada a Campinas desde 1844, sendo desannexada pela lei n. 2 de 2 de Março de 1846.

data de 10, enviou uma portaria á Municipalidade, pedindo-lhe que redobrasse de zelo.

E a azafama cresceu em Campinas. Multiplicaram-se as sessões extraordinarias; e o secretario interino, manejando as pennas de ave, não tinha um momento de descanso.

Nem o caso era para menos. A grata nova se espalhará pela redondeza, e os fieis subditos prelibavam contentes a ventura de avistar o seu joven monarcha que vinha acompanhado do ministro do Imperio, conselheiro José Carlos Pereira de Almeida Torres, futuro visconde de Macahé. ⁽¹⁰⁾

Não chegaram — felizmente! — os vereadores de Campinas a parodiar aquella Camara do interior que, sabendo da proxima visita imperial, quiz solennisal-a, num fim de anno, com a celebração de uma Semana Santa, que é a festa mais importante em nosso paiz...

Entrementes, convidára-se o conego Joaquim Anselmo de Oliveira, que tinha sido vigario em Campinas, para vir prégar; e declarou-se a Elisiario de Andrade que o seu companheiro para as cavalhadas seria o dr. Francisco de Assis Pupo.

Embora não conste dos actos officiaes, parece que de novo fôra lançada a idéa desse divertimento.

Como houvesse reunião em 15 de Dezembro, foi lido ahi novo officio do governo accentuando as probabilidades da viagem e mandando

(10) Foi presidente da provincia de S. Paulo desde Janeiro a Março e desde Outubro de 1829 a Abril de 1830, e de Agosto de 1842 a Janeiro de 1843, segundo Azevedo Marques — *Apontamentos, etc., da provincia*, vol. II, pag. 122.

que os edis agissem em consequencia; um cidadão mais declarou não dar cavalleiro; resolveu-se pedir ao presidente da provincia que mandasse para esta cidade a cavallaria da Guarda Nacional de Limeira e a infantaria da Constituição (hoje Piracicaba) e de Mogy-mirim.

Foram nomeados: João Baptista Rodrigues da Silva, José Soares do Couto e Joaquim Antonio Rodrigues, para prepararem a rua do Commercio (Dr. Quirino); Francisco A. Souza e João José dos Reis, a rua Direita (Barão de Jaguará) até o Bairro Alto (Praça do Pará); Joaquim Roberto Alves, o largo do Rosario (Visconde de Indayatuba). Essas ruas e o largo — digamos de passagem — foram *soterrados* e preparados opportunamente.

Publicou-se um edital exhortando o povo dos arredores a limpar as estradas e os moradores da rua do Commercio a que a enfeitassem.

Officios expedidos em 30 de Dezembro: aos dois instructores das cavalhadas; a Felisberto Tavares, para preparar a casa, com Antonio Rodrigues de Almeida; a diversos, para concerto de estradas, factura do arco, etc.; ao tenente-coronel Francisco José de Camargo Andrade, para ceder duas casas ⁽¹¹⁾ perto da Matriz Velha, afim de serem nellas hospedados o bispo capellão-mór e o ministro itinerante. No officio sobre as estradas, recommendava-se que a de Limeira fosse concertada até o logar chamado *Venda Grande*, onde talvez S. M. fizesse uma digressão.

(11) Deve ser a casa que tinha o n. 4 da rua Barão de Jaguará, hoje dividida e reformada.

Repontara o anno de 1846.

Já no dia 2 de Janeiro ha vereança. A Camara é avisada de que, no tempo opportuno, o Governo enviará as peças requisitadas. ⁽¹²⁾

Manda-se de novo proceder á limpeza das casas e resolve-se que seja aberta, só para abreviar o caminho do Imperador, uma *picada* por dentro do pasto da chacara do finado Villaça, ⁽¹³⁾ na estrada de Itú.

Descanço no dia 3 e sessão no dia 4. Propõe o presidente da Camara a nomeação de tres vereadores para, em commissão, irem a São Paulo beijar as mãos de SS. MM., pedindo-se ao poder competente a necessaria licença.

Chega o bando do Governo Provincial, com portaria de 27 de Dezembro ultimo, annunciando *urbi et orbi* a viagem do sr. D. Pedro II. ⁽¹⁴⁾

Pede-se, por officio, ao sargento mór (major) Antonio Rodrigues de Almeida o batalhão da Guarda Nacional sob seu commando e a res-

(12) Parece que vieram, pois ha uma nota de 12\$000 pagos para a conducção de «peças».

(13) Ex-proprietario do sobrado á rua das Flores (José Paulino), esquina da rua São José (13 de Maio) e hoje sob n. 48. Esta casa que se poderia denominar tragica — pelos crimes a que serviu de theatro — foi construida em principio do seculo XIX, a julgarmos por um requerimento de Manuel Teixeira Villaça, que alli foi mysteriosamente assassinado, pedindo em 15 de Abril de 1800 licença para construcção do predio.

(14) O original desse doc. existe ainda no archivo da Camara. Depois do enunciado das dignidades e titulos do marechal-presidente, transcreve a communicacão da viagem, feita pelo ministro do Imperio e participa a faustosa noticia ás cidades, esperando que «os seus habitantes dêem todas as demonstrações de jubilo e contentamento por motivo tão plauzivel». Traz a data de 27 de Dezembro, está sellado com as armas imperiaes e mede dois palmos de comprimento por um e meio de largura. Foi impresso em S. Paulo na typographia de Silva Sobral (em palacio), Dez. de 1845. A Camara tem no archivo tambem a ordem para a compra das duas duzias de foguetes para o pregão do bando.

pectiva musica para a proclamação do bando que foi apregoado nesse mesmo dia 4, ao esturgir de duas duzias de foguetes.

Nessa data, novamente Bernardo José de Sampaio solicita demissão do cargo de vereador, não sendo attendido.

Houve sessões ordinarias em 7, 8 e 9 de janeiro. Na de 7, manda-se rebocar e branquear a igreja do Rosario. ⁽¹⁵⁾ Na de 9, resolve-se agradecer a concessão da casa do capitão Felisberto, que só pôde servir para a hospedagem do bispo ou do ministro, e não para a do Imperador, por ser em rua estreita, onde não ha espaço para as manobras da Guarda Nacional. Foram pedidas outras habitações, e entre ellas a de Francisco Egydio de Souza Aranha; nenhuma offerecia as accomodações precisas; um municipe, *sponte sua*, quiz dar outras, que não foram acceitas.

Afinal, attendendo-se a que o sobrado de Felisberto era o melhor da cidade e «unico que offerecia commodos», voltou-se á idéa primitiva. Felisberto Tavares, em data de 10 de Janeiro, respondeu conceder novamente a casa com a mesma satisfação com que o fizera da primeira vez.

Em 12, agradeceu-se ao capitão José de Campos Penteado a offerta dos 400\$.

(15) A igreja de N. S. do Rosario foi começada a construir, cremos, em 1817. No livro das correições de 1818, encontra-se esta nota que lhe diz respeito: «determinarão que o revdo. Antonio Joaquim Teixeira quando levantar o fronte espicio da igreja de N. S. do Rosario não exceda mais ou menos o alinhamento da rua da mesma Senhora.» Serviu de matriz de Campinas em duas epochas; de 1846 a 52, e de 1870 a 83, sendo desta vez séde da parochia da Conceição. Vide o livro *Campinas em 1900*, de Leopoldo Amaral, pag. 249.

Na sessão de 3 de fevereiro chega a licença para a comissão de vereadores ir a São Paulo. ⁽¹⁶⁾

Sabe a Camara, em reunião de 6 de março seguinte, terem entrado em São Paulo os Imperantes, no dia 26 de Fevereiro, marcando sua partida para 16, em visita a São Roque, Sorocaba, Porto Feliz, Itú, Campinas e Jundiahy.

São convidados: o capitão (aliás tenente-coronel) Francisco José de Camargo Andrade, para mobilar sua casa onde se hospedará o presidente da provincia; e João Baptista Rodrigues da Silva, para fazer o mesmo nos predios de hospedagem dos veadores e mais pessoas da comitiva imperial.

Determina-se que os vereadores venham todos residir na cidade, para maior presteza dos preparativos. Repete-se o convite ao povo para cair a frente das casas e para pôr luminarias durante nove noites, a começar na data da recepção de S. M.

Officiára-se já (3 e 9 de fevereiro) a vinte e nove municipes pedindo-lhes meninas para irem esperar o Imperador, vestidas de branco e levando açafates com flores. ⁽¹⁷⁾

(16) A comissão, escolhida em 12 de fevereiro, foi composta dos camaristas Querubim Uriel, Teixeira Nogueira e Santos Prado, sendo investido da presidencia o vereador Aranha, immediato em votos ao presidente (12 de fevereiro); achando-se este doente, bem como seu substituto Bernardo Sampaio, passou ella a Francisco P. Salles (16 de fevereiro).

(17) Entre os nomes dos cidadãos que receberam pedido nesse têor, encontram-se os de Francisco Egydio de Souza Aranha, José Franco de Andrade, Luciano Teixeira, d. Anna Teixeira, Joaquim Roberto Alves, Francisco Gomide, Romão Vidal, Domingos Roso, Candido Serra, Joaquim Egydio, Bernardo dos Santos, dr. Candido Gomide, Isidoro F. Cantinho, etc.

Fôra pedida a casa de Joaquim Ferreira Penteado (futuro barão de Itatiba) para residência do ministro do Imperio. (18) Estabeleceria-se em officio ao juiz de direito interino, Antonio José de Brito, que o camarote das autoridades, nas cavahadas, ficaria á esquerda do camarim imperial, devendo ser feito pelas ditas autoridades; mandara-se *compor* a estrada de Itú; pedira-se a Manuel José Gomes (19) que apromptasse a musica sob sua direcção, para os festejos (offs. de 12 de fevereiro).

No dia 13 de março, aberta a sessão, o presidente distribue as incumbencias seguintes entre os vereadores: Palhares de Andrade, de ajudar o *Pingurra* (Antonio Monteiro) no arranjo do palanque de S. M., dando-lhe os objectos necessarios; Quirino do Amaral, a de preparar as ruas; J. Polycarpo Aranha, de mobilar e ornamentar a casa de hospedagem da comitiva, tendo esse vereador offerecido a sua propria mobilia; Paula Salles, para se encarregar do tratamento da cavahada (20); Barros Penteado, para o arranjo do pavilhão na entrada da cidade, tendo para isso o edil Teixeira Nogueira offerecido, gratuitamente, toda a madeira precisa. Nesse pavilhão devia ser o Imperador recebido ao chegar a Campinas.

Officiou-se ao capitão (tenente-coronel) Francisco José de Camargo Andrade e a outros,

(18) Deve ser a casa que tem hoje o n. 22 da rua Barreto Leme.

(19) A musica (banda e orchestra) foi contratada por 200\$ com Manoel José Gomes, pae de Sant'Anna Gomes e Carlos Gomes. Funcionou durante toda a festa.

(20) A acta respectiva diz — “cavalgadura”, o que é manifesto engano.

pedindo-lhes escravos para a capinação das ruas (17 de março).

Na sessão de 21, foi apresentada á Camara, por cópia enviada pelo presidente da provincia, a mensagem endereçada ao Imperador pela Assembléa Legislativa, felicitando-o, e a resposta dada ⁽²¹⁾ em São Paulo.

Por essa occasião foram dirigidos officios: a todas as autoridades, convidando-as para irem ao encontro do soberano; ao juiz de direito effectivo, para o esperar no pavilhão da entrada; ao capitão da cavallaria da Guarda, Joaquim Bonifacio do Amaral para com os seus commandados marchar para as fronteiras de Campinas com Itú e tambem acompanhar, depois, S. M. quando sahisse a passeio; ao padre dr. João Manoel de Almeida Barbosa, vigario collado da parochia e da vara, para assistir ás festas.

Foi combinada a collocação de luminarias na cadeia desde o dia da recepção; e em edital publicado convida-se o povo a dar mostras de prazer e enthusiasmo e a apresentar o maior numero possivel de cavalleiros no encontro, determinando-se que as pessoas que não puderem ir a cavallo esperem junto do portico.

Pede-se ainda aos municipes a collocação de palmeiras, folhas e flores odoríferas nas ruas e nas casas.

Envia-se um officio ao commandante da Guarda Nacional, pedindo-lhe que faça apregoar

(21) E' impressa essa mensagem, a que «S. M. O Imperador Se Dignou Responder». Doze deputados a redigem e assignam.

o bando que será publicado no dia seguinte (22); e ao mesmo, para apromptar a milicia sob seu commando. (22)

O programa das festas foi então redigido, á imitação do que se fizera em S. Paulo. E' datado de 22 de março de 1846 e reza pelo teor seguinte, conforme transcripção feita *verbo ad verbum* do livro de correspondencia da Camara, de 1839-49, fls. 88 e verso:

(22) De velho doc. do archivo transcrevemos fielmente a seguinte—"Lista nominal dos officiaes do Batalhão de Infantaria e o Estado-maior das Guardas Nacionaes" em Campinas, a 11 de outubro de 1845:

«Tenente-coronel Francisco José de Camargo Andrade; major Antonio Rodrigues de Almeida; ajudante Luiz Manoel de Frias; secretario José Thomaz Vianna; sargento-ajudante José Maria Lamaneres; quartel-mestre Antonio Rodrigues do Amaral;

1.^a comp.—capitão Manoel Saturnino do Amaral; tenente Manoel de Campos Penteado; alferes Luiz Pinto de Souza Aranha e Luiz Pinto de Moraes; 1.^o sargento Jesuino José Bueno; 2.^o João Miquelino de Santa Thereza e José Ignacio de Almeida;

2.^a comp.—Capitão Candido José da Silva Serra; tenente João de Souza Campos; alferes Antonio de Campos Salles e Theodoro Leite Penteado; 1.^o sargento Hermenegildo de França Camargo; 2.^o Francisco José Romualdo e Fidencio de França Camargo;

3.^a comp.—Capitão Manuel da Rocha Ribeiro; tenente Antonio de Campos Camargo; alferes Floriano de Camargo Campos e Francisco Antonio Dias; 1.^o sargento Modesto Vaz de Lima; 2.^o Bento José Rodrigues e Jacintho Ródrigues de Oliveira; furriel Luiz Cabral de Camargo;

4.^a—comp. Capitão Antonio Pio Corrêa Bittencourt; tenente Luiz Nogueira Ferraz; alferes José Ignacio Teixeira e Francisco Antunes Pereira Leite; 1.^o sargento Francisco de Assis Mello; 2.^o Manoel Del-fino de Mattos e José Ferreira de Camargo; furriel José Pedro da Silva Junior;

5.^a comp.—Capitão Manuel Carlos Aranha; tenente Antonio Francisco do Amaral Gurgel; alferes Joaquim José Ramos e Evaristo Manuel de Almeida; 1.^o sargento Pedro Antonio da Conceição; 2.^o Mathias Luiz de Souza e Antonio Francisco Barbosa; furriel Francisco Antonio de Moraes;

6.^a comp.—Capitão Luciano Teixeira Nogueira; tenente Carlos Augusto do Amaral; alferes Joaquim Ignacio de Vasconcellos e Salvador Ribeiro de Moraes Pinto; 1.^o sargento João Dias Leite; 2.^o Ernesto José Cavalheiro e José Rodrigues; furriel João dos Santos;

7.^a comp.—em Santa Barbara—Capitão Manuel Francisco da Graça Martins; tenente Antonio da Cunha Ramos; alferes Joaquim da Silva Campos; 1.^o sargento Francisco José da Fonseca; 2.^o Antonio de Sampaio e João Vicente; furriel Luiz Antonio de Souza.»

Segue-se, no doc. referido, mas com letra differente, a officiali-

*«Programma dos festejos desta cidade por
occazião da chegada de S. M. o Imperador.*

Sabendo-se do dia q' S. M. O I. parte para esta cidade, marchará a comp.^a de Cavallaria ao Capivary-mirim, para acompanhar ao mesmo Augusto Sr. praticando neste acto as cerimoniaes militares. No sitio de José Custodio se reunirão os Cidadãos que forem ao encontro S. M. I., q' acompanharão até o Pavilhão onde devem receber S. M. digo onde devem se axar as Authoridades Judiciárias que devem receber a S. M., e onde a mais graduada fará o discurso de felicitação; depois do q' acompanharão o mesmo Senhor ao Portico onde se axará a Camara Municipal e o Cléro, e ms. Irmandades religiosas, ao aproximarse de S. M. o Prezidente da Camara lhe entregará a chave da Cidade fazendo uma breve locução, immediatamente o Revdo. Parocho fará as Cerimonias religiosas, e findo as quaes a Camara receberá a S. M. I. debaixo do Palio, e seguirão até a egreja do Rozario onde se celebrará as orações proprias. O discurso que pregará o Revdo. Padre Joaquim do Monte Carmelo, depois do qual o Te-Deum em acção de Graças, depts. disto se seguirá o prestito pela forma acima indi-

dade da cavallaria: «Capitão Joaquim Bonifacio do Amaral; tenente Pedro José dos Santos; alferes Vicente Leite de Camargo; sargentos Joaquim Monteiro da Silva, Pedro Rodrigues de Oliveira Goes e Elysen Ferraz de Campos; furriel João Leite de Moraes Cunha.» Infelizmente não vem exarado o numero dos soldados.

cada (?) até o Paço, onde a tropa estará reunida, para a continencia a S. M. antes da qual dará os Vivas a S. M. a Imperatriz e Príncipe Imperial ⁽²³⁾ o Chefe do corpo, logo depois de ter a musica tocado o Hyno Nacional. Em todos os Arcos, e em distancia de 100 braças, ms. ou menos o Chefe de Policia do logar dará os mesmos Vivas no trajecto de S. M. desde o Portico até o Paço. No dia seguinte o Prezidente da Camara participará ao Exmo. Ministro do Imperio, para que se digne offerecer a S. M. I. uma tarde de Cavalhadas, e lhe pedirá a ora que se deve principiar a mesma; impreterivelmente entrará as Cavalhadas as oras marcadas, e quando S. M. o Imperador se aproximar a seu Camarote, o Prezidente da Camara dará os Vivas mencionados, entrando as Cavalhadas dará o 1.º Mantenedor os mesmos Vivas e seguirá o Exercicio. A primeira argollinha q' for tirada será apresentada a S. M. I. as outras darão indistintamente quando S. M. o Imperador se digne, ou determine outra tarde, se praticará as mesmas coisas, no fim das Cavalhadas o 2.º Mantenedor dará os Vivas, e se seguirá quando haja outro dia o mesmo

(23) Este principe era D. Affonso, nascido a 23 de fevereiro de 1845, reconhecido herdeiro da corôa pelo dec. de 8 de maio desse anno e fallecido a 11 de junho de 1847. Chegando a noticia de seu nascimento a Campinas, houve aqui a 23 de março de 1845 *Te Deum* ás 10 horas da manhã e luminarias á noite, comparecendo ao acto, em grande parada, para as descargas, os soldados de infantaria e cavallaria da Guarda Nacional e os Permanentes (Vide docs. de 1845).

Está enterrado no convento de S. Antonio, no Rio de Janeiro. Leia-se a respeito disso o que diz Suetonio — *O antigo regimen*, pgs. 173 a 174.

Espectaculo. Em todos os passeios que S. M. I. fizer a cavallo a Cavallaria acompanhará, e todos os Cidadãos que quizerem ter a honra de acompanhar. A Infanteria fará o serviço da Guarda e estará sempre as ordens de S. M. A Artilharia dará na entrada de S. M. 24 tiros, quando o mesmo Senhor seguir para o Paço os mesmos e ao pôr do Sol os mesmos tiros. As Meninas irão com safates de flôres para lançarem em S. M. quando o mesmo Sr. chegar ao Portico e o acompanharão até ao Paço.» (24)

Este programma, como se verá adiante, foi alterado em parte, pela hora da chegada e por outras circumstancias fortuitas.

A esse tempo, o jubilo popular se manifestava intenso. Era um prurido de arranjos pela cidade em fóra, de Santa Cruz ao Bairro Alto, e pelas casas, e pelas estradas, e pelas fazendas.

A febre dos preparativos se desencadeará e os habitantes da cidade não tinham mãos a medir com os aprestos para essa recepção solenne.

As habitações eram varridas e lavadas; os fatos de gala escovados, desde as calças de alçapão e presilhas ás mantas enormes de seda que serviam de gravatas....

Pobres coqueiros! rolaveis por terra aos golpes dos machados cortantes, para servirem

(24) Para o programma de S. Paulo, veja-se o jornal *O Governista*, da capital, n. 429, de 31 de janeiro de 1846. Existe um exemplar no archivo da Camara.

de alimento os vossos brotos e de ornamento as vossas frondes!

Pobres rosas! ereis decepadas impiedosamente nos hastis!

E leitões morriam medonhamente esfaqueados, e gallinhas eram destroncadas, bem como os perús, após a embriaguez da praxe, e os cabritos saltitantes e trefegos, e os carneiros, que succumbem sem revolta, derramando tristes prantos!

E na cidade a azafama crescia, sendo possível!... Talvez tanto como na historia do *Riquet à la houppe*, quando trabalhavam os gnomos da fantasia de Perrault; e mais com certeza do que no reinado de Potemkin, quando este valido, artificialmente, mandara chantar aldeias de papelão ao longo das estradas, ao viajar Catharina da Russia atravez dos *steppes* de seu imperio hyperboreo...





II

AS FESTAS

O livro ad perpetuam rei memoriam — A chegada — A chave — O Te Deum — As cavalhadas e os cavalleiros — A partida.

RAIOU festivo para Campinas o dia 26 de março de 1846. Era uma quinta-feira. ⁽²⁵⁾

A cidade regorgitava. Pelas estradas chegavam ainda forasteiros em turba, escravos trajados de algodão, *caipiras* adustos de lenço ao pescoço e faca á cinta conduzindo generos, fazendeiros abastados trazendo as familias. O trolly ainda não fôra introduzido nestas paragens e por isso animaes de sella, banguês e cargueiros penetravam na Campinas do tempo, transportando assistentes para as festas ou carregando comestiveis para os recém-chegados. Tal como antigamente se fazia nas vesperas das grandes solennidades religiosas.

(25) Podemos precisar os dias da semana graças a um missal existente no archivo. Foi comprado pela Camara em 21 de outubro de 1849, por 42\$800 ao padre Amaro Antunes da Conceição. Servia para os juramentos. Veja-se *in principio* — *Tabella temporaria festorum mobilitum*, no periodo de 1808-47.

E era para os lados da estrada de Ytú que o povo affluia contente, pelo dia em fóra. Por alli devia S. M. penetrar na cidade gloriosa que Barreto Leme fundára. ⁽²⁶⁾

Ora, dias depois da recepção estrondosa (em 6 de Abril), por proposta de seu presidente, a Camara creou um livro, que consta do archivo municipal, para nelle ser feita a narração *ad perpetuam rei memoriam* dos festejos promovidos em honra de S. M. E a acta para isso lavrada vae servir-nos de roteiro para este trabalho, ou melhor — vamos transcrevel-a *ipsis litteris*, accrescentando-lhe apenas algumas informações sobre os factos, de origem de documentos officiaes e provenientes da tradição.

Diz o livro :

« No dia vinte e seis de Março deste anno foi annunciado a chegada de Sua Magestade o Imperador a esta Cidade, mais de seis centos Cidadãos forão encontrar ao mesmo Augusto Senhor no logar denominado Capivary-guassú donde o acompanharão a esta Cidade cuja entrada teve logar as 8 oras mais ou menos da noite, estando immenso concurso de povo ao redor do Pavilhão onde Sua Magestade o

(26) Como é sabido, S. M. vinha só, tendo a Imperatriz ficado em São Paulo. Na vespera de sua partida para Campinas (25 de março), D. Pedro II fizera em Ytú, á noite, a celebre quadrinha :

O sincero acolhimento
Do fiel povo Ytuano
Gravado fica no peito
Do seu grato soberano.

E para que ninguem duvidasse, dezeseis magnatas na occasião attestaram a imperial procedencia desses versos.

Imperador se dignou entrar, e demorando-se pouco tempo partiu para a Caza do Cidadão Felisberto Pinto Tavares, a qual estava destinada para sua Imperial assistencia, sendo recebido com os mais entuziasticos vivas a Sua Magestade a Imperatriz e ao Principe Imperial axando-se toda a Cidade illuminada e os Arcos. Sua Magestade o Imperador quando chegou marcou as onze oras do dia vinte e sete para hir assistir ao Solemne Te Deum. »

O logar denominado Capivary-guassú fica na antiga estrada de rodagem desta cidade para Ytú, e recebe esse nome do rio Capivary, um dos affluentes do Tietê, ⁽²⁷⁾ da margem direita, desaguando 53 kilometros abaixo de Porto Feliz. O ponto de espera devia ser mais ou menos no local chamado hoje Campo Redondo. ⁽²⁸⁾

O povo aguardava o augusto viajante a uma legua da cidade, refere Azevedo Marques. ⁽²⁹⁾

Mais distante fica o Capivary-mirim, onde se achava a cavallaria da Guarda Nacional, segundo determinação do programma.

Não admira o numero elevado de cavalleiros, si attendermos á população formidavel que avassallara Campinas. Disse-nos um infor-

(27) Dicc. Geograph. Moreira Pinto. vol. I. pag. 448.

(28) Vide a excellente folha referente a Campinas, do mappa organizado pela Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo.

(29) *Apointamentos*, etc. Vol. II, pag. 197.

mante que assistira, creança, ás festas, ter havido uma verdadeira invasão de curiosos na cidade. (30)

Só existia uma casa de pasto: nada de hotéis. As residencias particulares estavam abarrotadas. E muitos recém-vindos, durante as noites desses dias alegres, dormiram ao relento, á obscura claridade que desce das estrellas, como diz Corneille.

Imagine-se agora o aspecto da comitiva imperial e do povo endomingado nesse encontro e na marcha que se lhe seguiu, uma verdadeira *retraite aux flambeaux* como na scena final do primeiro acto da comedia heroica de Rostand. A cavallaria e a infantaria da Guarda Nacional e os Permanentes (Guarda Policial) em armas; os paisanos exhibindo os melhores trajes e todos se apertando em torno ao pavilhão reverberante de luzes. (31)

Esse pavilhão, ou barraca, ficava com pouca differença no logar onde hoje está a praça 25 de Novembro; o arco ou portico que deu nome á rua Ferreira Penteado, na esquina da rua de N. S. do Rosario (Francisco Glycerio) e o outro — dizem-nos — na rua atraz da matriz (Barreto Leme) no cruzamento com a rua do Commercio (Dr. Quirino).

(30) O cidadão José Antunes de Assumpção, bastante conhecido e estimado em Campinas.

(31) De um velho doc. em nosso poder (conta de Antonio Ferreira Cezarino, alfaiate de então), tiramos os seguintes preços: «feito e aviamentos de uma casaca preta 15\$000; 1 collete de panno 6\$000; feito de uma jaqueta 2\$240; 1/4 de setim 1\$000; 10 botões 400 réis; feito de um collete preto 1\$600; 1 collete de setim 10\$000; feito de dois pares de calças 5\$000; de um par 1\$440; 1 collete de chamalote 2\$500!»

No pavilhão mencionado, além da multidão de populares, estavam todas as autoridades, tendo á frente o juiz de direito do termo, dr. Joaquim Fernandes da Fonseca.

« No dia seguinte (27) reunida a Camara Municipal as dez oras da manhã, seguiu para o Paço para fazer entrega da Xave da cidade.»

E' curioso como, — não sendo as cidades fechadas por muralhas em nosso paiz, já naquelles tempos, — houvesse a idéa de se apresentar esta chave ao illustre viajante. Symbolismo em politica. De extranhar foi não haver alguém se lembrado de parodiar o dito celebre do infeliz Bailly quando, na qualidade de *maire*, entregou as chaves de Paris ao não menos desditoso Luiz XVI, nos dias primeiros da Revolução Franceza.

«Tendo a Camara comparecido perante Sua Magestade Imperial o Presidente da Camara Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, fes em nome da Camara e dos habitantes do Municipio a seguinte allocução: « Senhor. O prazer e saptisfação que anima o Coração dos Campineiros por occazião da vizita com que Vossa Magestade Imperial se dignou onrar-nos em seu nome, eu vos entrego a Xave da Cidade, simbolo da fidelidade, adesão, e amor q' todos os seus abitantes vos tributão. Em seu nome vos declaro que jamais será esquecido o dia vinte e seis de Março de

1846, dia que Vossa Magestade Imperial veio abrir uma nova Epoca, a qual será sempre lembrada com Entuziasmo por um povo, que sensível ao Amor que lhe tributaes, será sempre grato a Vossa Magestade Imperial. Sou Senhor com mais profundo respeito. De Vossa Magestade Imperial. Muito reverente e fiel subdito. Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro.» Sua Magestade Imperial se dignou responder: «Agradeço muito os leaes Sentimentos da Camara da Cidade de Campinas.»—Então o Presidente fez a entrega da Xave⁽³²⁾ a Sua Magestade Imperial, o qual se dignou a dar beijamão a mesma.»

Os dignos vereadores daquella Edilidade tinham caprichado em apresentar-se vestindo correcto uniforme, isto é, de chapéo armado, casaca preta e sapatos com fivelas.

O sobrado, paço imperial por alguns dias, séde provisoria da cabeça dessa monarchia estendendo-se do «Amazonas ao Prata», fôra de alto a baixo enfeitado alli naquella, hoje, tristonha rua 14 de Dezembro. Bandeiras se desfaldavam nas suas janellas, povo consideravel o cercava naquella hora.

E' de crer (não ha informação segura) que a recepção se effectuasse na sala nobre do im-

(32) A chave era de ferro, ao passo que a de S. Paulo fôra de prata doirada. Segundo doc. do archivo, pesava 38 1/2 oitavas, que a 240 réis faziam 9\$240; seu feitio importou em 20\$000, total 29\$240. Foi manufacturada por Evaristo Manoel de Almeida, o mesmo que fez, para as cavalladas, 4 argollas de ouro do peso de 9 1/2 oitavas a 3\$200 e feitio 28\$000, num total de 58\$400, e 24 de prata, a 220 réis — 7\$680.

menso edificio, logar onde Antonio Monteiro de Carvalho e Silva armara um throno. Pela construcção deste solio e pelo arranjo da casa, cobrára o armador a quantia de 30\$000.

Hão de convir que nada ha mais em conta do que a erecção de um throno... provisorio !

«... depois deste Solemne Acto (a entrega da chave) a Camara recebeu debaixo do Pallio a Sua Magestade Imperial que marxou para a Igreja do Rosario, acompanhado do Exmo. Ministro do Imperio José Carlos Pereira de Almeida Torres, e o Exmo. Prezidente da Provincia Manoel da Fonseca Lima e Silva e do Clero que entoava os Canticos Ecleziasticos precedido de todas as Irmandades religiosas e Povo immenso que os acompanhava.»

As varas do pallio, feitas por Francisco de Paula Ântunes, custaram 8\$000.

Seria magnifico o prestito formado pelos magnatas, soldados e populares, desfilando pelas ruas lentamente, solennemente.

Obtivemos informações de existirem em Campinas, por essa occasião, os seguintes sacerdotes : Dr. João Manoel de Almeida Barbosa (o vigario), Conego Melchior Fernandes Nunes de Camargo, Francisco Ortiz de Siqueira, Miguel Archanjo Ribeiro de Castro Camargo (doutor em direito e com ordens de subdiacono), João Albertino de Seixas, Antonio Fernandes Nunes, Amaro Antunes da Conceição, José Gomes Pereira da Silva e Joaquim José Barbosa, (coadjutor recentemente provisionado).

A egreja devia apresentar mirifico aspecto, graças á armação do *Pingurra*. Só de madapolam (tecido da moda, liso e consistente e originario da India, da cidade de onde tira o nome), gastára-se no templo, para a ornamentação, nada menos de 49\$000.

«Chegando a Igreja do Rosario o Reverendo Joaquim do Monte Carmelo fez um discurso analogo aquelle acto e seguiu-se o Te-Deum laudamos em acção de graças a Deus por concedernos a dita de possuirmos entre nós o nosso Adorado Soberano o Senhor Dom Pedro 2.º. Findo o acto religioso voltou Sua Magestade Imperial, para o Paço, com as mesmas formalidades entre milhares de vivas de um Povo numeroso, que cheio de entusiasmo q' transluzia em seus semblantes o prazer que os tomava, Sua Magestade Imperial era precedido de muitas meninas vestidas de branco, q' annunciando sua innocencia, mostravão sua alegria lançando flores em seu Soberano.»

Pobres meninas de outr'ora !

Hoje, algumas, poucas, sendo avós — revivem em seus netos ; outras, a maior parte, vivem longe, no «paiz de cuja raia nenhum viajor voltou.»

Tendo-se excusado os conegos Anselmo e Ildefonso, coube ao padre Monte Carmello a honra do sermão perante S. M. Esse clérigo, bom prégador, recebeu pelo seu trabalho 100\$000 a que elle modestamente chamou *esmola*, no recibo archivado na Camara.

«Neste mesmo dia a tarde Sua Magestade percorreo a Cidade acompanhado de numeroso concurso de Cidadãos e recolheose a noite para o Paço.»

As ruas principaes, consoante ordem da Camara, estavam cuidadosamente preparadas e enfeitadas, ostentando, de dia, a nota verdejante de seus ornatos campestres, e de noite, o fulgor brilhante das luminarias do estylo.

«No dia 28 as 4 oras da tarde dignouse Sua Magestade Imperial assistir as Cavalhadas sendo recebido e despedido entre numerosos vivas de mais de sinco ou 6 mil pessoas que estavam no Circulo, mostrando todos o maior entuziasmo e Amor que tributão ao seu Monarca.»

O chronista parece modesto a um dos nossos informantes. Oito ou dez mil pessoas lá compareceram — affirma elle — e o calculo não é exaggerado, pois enorme fôra a concorrência que affluiu ao largo do Rosario, logar determinado para a realisação das cavalhadas, restos dos torneios medievaes e ponto culminante das festas de outr'ora. (33) Pessoas houve que vieram dos sitios especialmente para esta parte dos festejos.

Cavalhadas — dizem os entendidos — era o nome do antigo divertimento oriundo das justas

(33) Das estatisticas que conhecemos, relativas a Campinas, as mais approximadas desta época são: a de 1836, incompleta, — dando para a villa de S. Carlos uma população de 6689 habitantes; e a de 1854, — dando para Campinas 14.202 habitantes.

da Meia Edade, em francez *carrousel*, do italiano—*carrosello*, de *gara*—querela. Os senhores se dividiam em quadrilhas e combatiam á espada; havia depois a *corrida do anel* (argolinha) que era a base do folguedo. «L'exercice de la bague consistait á enlever au bout de la lance une bague suspendue en l'air», explica Larousse.

Antigamente, não havia menos de quatro nem mais de doze cavalleiros, tendo com o tempo variado o numero do *maximum*. Por exemplo, nas festas de Cuyabá, em honra do ouvidor Lara Ordonhes, e cuja descripção illustra o vol. IV da revista do Instituto Historico de São Paulo, (34) houve torneios desses com mais de dezeseis figuras.

Mascarados, ás vezes, se misturavam aos cavalleiros.

A ordem do espectaculo, aliás mutavel, era a seguinte:

Primeiro, a entrada ovante dos combatentes altivos, tendo cada bando á frente o seu mantenedor. As duas filas, uma de cor vermelha e outra de cor verde, simulavam uma escaramuça, terçando armas.

Depois vinham os cavalleiros atirar sobre *cabeças de turco* fixadas em postes no meio da arena — reminiscencia das guerras na Peninsula contra os descendentes de Tarik. Apanhavam-n'as tambem com a ponta da lança.

Habeis quasi todos em equitação, os justadores faziam rodeios e zigueszagues pelo

(34) Vol. cit. Nota — pag. 219 e seguintes.

circo afora, parodiando as *fantazias* dos arabes, aos olhos do povo apinhado entre a cerca do curro e os palanques repletos de familias e rodeando a praça.

A *cabeça de turco*, já agora, era uma simples mascara. Fôra, nos tempos idos, não mascara, porém um manequim, especie de jogo chamado da *quintana*. Então, si o feriam entre os olhos e o nariz, ficava immovel; de outro modo, voltava-se tão rudemente que o assaltante sem destreza ou era ferido por uma espada de pau ou *sovado* por um sacco de areia.

Vinha, para terminar, a corrida da argolinha. Entre dois postes fincados no meio da praça e altos de dois e meio metros, mais ou menos, corria-se uma corda que prendia uma meia-lua; esta segurava a argolinha, que sahia só quando o cavalleiro amestrado sabia arrancar-a com a lança. O exercicio se fazia de um a um, com meneios e evoluções estudados, a galope. Os candidatos se conservavam em linha ao fundo, esperando a vez. Pode-se calcular a ovação feita aos que acertavam e o *desaponto* dos inhabeis.

As argolinhas eram enfeitadas com flores de floccos, costumando os cavalleiros offertal-as ás pessoas de sua amizade ou á dama de seus pensamentos, cujas cores já não vestiam como os paladinos de outras eras.

Taes diversões duravam, ordinariamente, de duas ás quatro, cinco ou seis horas da tarde. Para se avaliar da difficuldade que apresentavam basta saber-se que para as cavalladas de 1846, houve um mez todo de ensaios, cremos que num logar chamado «campo das parellhas»,

situado além da hoje Villa Industrial e na antiga estrada de Itú. Ahi, para as marchas e contra-marchas, o instructor riscava o chão, afim de que os *passos* fossem devidamente aprendidos.

O circo, a que tambem chamavam curro, era uma vasta circumferencia, cercada por uma grade de madeira, da altura de metro e meio, e com duas entradas. Emquanto os palanques em derredor regorgitavam, o povo miudo se apinhava em torno da cerca, pilheriando e commentando, como hoje se faz nos circos de cavallinhos. ⁽³⁵⁾

Previamente a Camara fazia distribuição do terreno entre as familias principaes, para a construcção dos palanques. Houve-os de dois andares, para maior accommodação dos assistentes. Rodeavam toda a extensão do largo, e nas ruas deixavam passagem aos transeuntes, sob seu madeiramento. Pompeavam ricas bambinellas, colchas, cortinas, arcos e flores, porfiando cada qual em sobresair ao vizinho.

Sabemos que o palanque ou camarote ou ainda camarim imperial (deram-lhe esses tres nomes) ficava, com a frente para o largo, entre a egreja do Rosario e o terreno onde se eleva hoje o palacete do exmo. sr. Joaquim Teixeira

(35) O circo de 1846 foi construido por Francisco de Paula Antunes, empregando-se nelle: 3 duzias de caibros, 24\$000; 1 duzia de taboas, 8\$000; 1 1/2 alqueire de cal, 640 réis; 1000 prêgos de pau a pique, 6\$000.

O camarote imperial, construido por 200\$000, despendeu 51\$200 em armações de dois dias, feitos por Antonio Monteiro, que cobrou 72\$000 pelo arranjo dos palanques da Camara e da musica.

No camarote imperial, além de outros, houve estes gastos: com 4 peças de morim a 4\$400 cada uma, e mais 8 varas por 2\$280.

Vêm outros preços de objectos para as cavalladas: com as cabeças, 32\$000; bandeira, 3\$000; postes para as cabeças, (4), 2\$000; postes para as argolinhas (2), 2\$000; meia lua, 400 réis.

Nogueira. O das autoridades estava á esquerda e os da Camara e da musica em seguida.

Francisco de Paula Antunes erigiu o seu do lado da rua de Santo Antonio (Bom Jesus e mais tarde Campos Salles), quasi na esquina da rua do Rosario (Francisco Glycerio).

Lamentando que o *turf* tenha contribuido para a morte desses folguedos cavalheirescos, pedimos desculpas destas minucias, aqui dadas só para conhecimento dos moços. *Et nunc erudimini.*

Continúa o livro citado :

«No dia ás mesmas digo no dia 28 as mesmas oras Sua Magestade Imperial foi assistir o mesmo divertimento sendo recebido pelos imensos vivas, e flores que de todos os Camarotes lansavão as Senhoras, neste divertimento forão oferecidos a Sua Magestade Imperial tres argolinhas pelos Cavaleiros, uma a Sua Magestade Imperial, outra ao Principe Imperial, brindando Sua Magestade Imperial aos Cavaleiros, mostrando o Carinho, bondade e amor Paternal a todos os seus subditos que a elle se aproximava para o ver.»

Sua Magestade brindou com relogios e correntes de ouro os offertantes das argolinhas, collocando esses objectos na ponta das lanças.

Num desses dias, desbocou dentro do largo um cavallo branco, levado para as cavalladas, e feriu algumas pessoas. Foi a nota dissonante da festa.

Mas, é tempo que falemos dos cavalleiros. Como vimos, a Camara resolvera não mais

fazer cavalladas, embora fosse isso um desaire. Porém, naturalmente attendendo a esse facto, deliberou mais tarde realisal-as, si bem que os documentos officiaes não mencionem a data da nova resolução. Certo é que alguns cavalleiros foram vestidos por conta da commissão dos festejos, pois um recibo se refere «aos que uniformão-se a custa da sobscrissão.»

Dos que tomaram parte nas corridas, alguns passaram á historia e delles vamos fazer menção em seguida. Não podemos precisar si os cavalleiros dos dias 28 e 29 de março eram doze ou dezeseis, porquanto não ha a respeito a minima referencia em todos os documentos que consultámos.

Sabemos ter tomado parte nestas cavalladas «sumptuosas», como diz A. Marques (vol. II, pag. 198) o *alferes Francisco Antonio Dias Aranha*, que mandou buscar arreios a Indayatuba, um cavallo a Itú e outro a «Agua Xóca» (Montemór). O chapéo armado de que usou foi preparado por 4\$000; comprou um par de lanças por 4\$500, fóra a choupa respectiva, do preço de 640 réis. Montava um «caálo ruço», informa-nos o recibo de um ferrador. A conta de seus gastos, archivada na Camara, somma 79\$920.

Prudente Pires Monteiro foi outro corredor conhecido. Gastou 72\$000, havendo entre as parcellas — 2 $\frac{1}{2}$ varas (2^m 75) de velludilho, vinte guizos, um *chorão* (pennacho) encarnado por 12\$000 e uma caixa de espoletas por 720 réis.

Este cavalleiro que — dizem-nos — foi um dos melhores da occasião, teve a honra de tirar

a primeira argolinha de ouro que offereceu a S. M., recebendo em recompensa o primeiro relógio também de ouro.

As tres outras argolas desse metal foram as offerecidas á Imperatriz e ao Principe e, com certeza, ao Ministro.

Segue-se *Francisco Teixeira Nogueira de Barros*, que mandou por 15\$000, um *proprio* trazer-lhe cavallos de Sorocaba. Teve como pagem um mulato de Luiz Gordo, e pagou-lhe 2\$000; comprou um par de coldres pretos por 4\$000; 8 ramos de flores a 800 reis cada um; 2 libras de polvora ingleza a 1\$600, etc.

O cavalleiro *Querubim de Souza Arruda*, é o quarto na ordem. Apresentou uma conta de 40\$860.

Francisco Antunes Pereira Leite, cujo chapéo foi feito ou reformado por Hercules Florence, pela quantia de 10\$000, fez também parte de um dos bandos. Montava um cavallo vindo de Bragança.

O sexto justador de que ha certeza, *Luiz Nogueira Ferraz*, enviou á Camara a conta pormenorizada de seus gastos. A apromptação deste cavalleiro e seu pagem ficou em 237\$000.⁽³⁶⁾

(36) Pela conta deste cavalleiro, que pertencia á fila vermelha, pode-se conhecer quanto precisava o que se inscrevia para as cavalhadas. Por curiosidade, damos aqui algumas parcelas de seus gastos: em fitas de varias cores e qualidades 74 varas (78m10) no total de 18\$250; 1 par de luvas de seda 1\$500; 1 espelho para tirar o aco para polir os guizos, 240 reis; 2 lanças, feittio, pintura e douradura, 5\$500; 1 chapéo armado trazido de Jundiahy, 10\$000; ao *proprio* que o trouxe, 3\$000; velludo para a farda e xairol, 10 covados (6m60) a 2\$500—25\$000; feittio do saiote e bonet para o pagem 3\$000; sapatos de marroquim 2\$000 e um par de meias, 400 reis, para o pagem; 3 varas (3m3) de galão para o xairol, 6\$000; etc. Mandou vir um cavallo de Sorocaba. Outros preços, de outra conta: sapatos de verniz, 9\$000; tirante de espada, 250 reis; feittio da farda, 6\$000; das calças, 3\$000.

Sabe-se ainda ter tomado parte nas cavalladas de 1846, por documento do archivo, *Carlos Augusto do Amaral*, que mandou vir um cavallo de Mogy-mirim. A lista de suas despesas orça em 223\$708, segundo conta apresentada por Joaquim Bonifacio do Amaral, irmão do cavalleiro. Consta que tirára uma das argolinhas.

De um oitavo justador podemos dar noticia obtida pela tradição. Mas este não se vestiu á custa da commissão dos festejos. Era *Joaquim Egydio de Sousa Aranha*, o futuro marquez de Tres Rios. Fizera elle vir — conta João Manoel de Oliveira Fernandes, o conhecido ancião, que ao tempo servia na Guarda Nacional — fizera elle vir de Cajurú um cavallo vermelho, magnifico. Pois este animal, como ainda não se vira semelhante, causou successo extraordinario e *ipso facto* constituiu-se o *great attraction* das cavalladas de 1846. Tinha uma bella cabeça; *saccava* admiravelmente, e o Imperador que se inclinava no camarote para o ver, desejou possuil-o. Então, com rara gentileza, foi o corssel offerecido ao imperial visitante por *um cam-pineiro*.

Pois bem, o trage de que usavam os figurantes dessas justas era esplendido: farda (vermelha ou verde) de velludo; calças de casemira azul com lista de galão á *hussard*; chapéo armado com plumas e tambem ornado de galão; sapatos envernizados; e uma profusão de fitas, rendas douradas e bordados, a cobrir o cavalleiro da cabeça aos pés.

Só de arminhos, para os seis que foram vestidos pela Camara, gastou-se a quantia de

11\$520 e ha uma verba de 88\$250 despendida para o mesmo fim, com 176 $\frac{1}{2}$ varas (194^m15) de chamalote.

Os arreios, de fina prata, haviam sido cuidadosamente areados e polidos para a ocasião. Os xaireis, de velludo ou marroquim, tinham a mesma côr da farda do cavalleiro. Martinetes, cachaceiras e rabeiras vinham literalmente cobertos de fitas e entrançados com flores. Guisos tilintantes prendiam-se aos arreios.

Por armas, além das espadas, traziam lanças em punho e pistolas nos coldres. E cada lidador era servido por um pagem de côr, trajando saiote e bonet e sapatos de couro — novos escudeiros destes novos membros da Tavola Redonda.

O alfaiate da moda, Antonio Ferreira Cezarino, encarregado de vestir dois da fila vermelha e quatro da fila verde, para se desempenhar bem do encargo de apromptar os seis figurantes, fôra a São Paulo especialmente buscar fazendas e «arranjos para as cavalladas destinadas a S. M.» e apresentou uma conta de 507\$000, ou 84\$500 por pessoa.

Duas costureiras do tempo (Zelinda e Josephinha de tal), incumbidas da factura dos laços de fitas, ganharam só com isso 151\$200.

Toda essa magnificencia pompeava, pois, no largo do Rosario em festas, nesses dias 28 e 29 de Março de 1846, parecendo uma pagina destacada da epopéa dos *Niebelungen*, na descrição dos torneios em honra dos desposados Siegfried e Khrimilde, ou da historia de *Perceval*, quando os cavalleiros se reuniam no castello

em que era servido o *Saint-Graal*, em torno do desditoso rei Amfortas enfermo. . .

Mas... demos rédeas á fantasia. Avistemos com a imaginação, na distancia de meio seculo, essa parte esplendente de esplendentes festividades.

O largo rutila ; a nota multicolor das bandeiras enche o ambiente. Desde os fazendeiros vetustos, senhores de engenhos e de centenas de escravos, até os humildes pariás sujeitos á escravatura e ao azorrague, velhos da Campinas — freguezia e crianças da Campinas — cidade, todos alli se apertam e se confundem pelas tres horas da tarde, num desses dias alacres.

Ha impaciencia nos semblantes ; o calor de março caustica ; e o vozerio sobe, avoluma-se e cresce. Os palanques regorgitam ; gente por toda parte, no largo e nas ruas vizinhas, e numa grande construcção proxima que ia ser o palacete da familia Pompeu do Amaral e é hoje o *Club Campineiro*.

Entretanto, foguetes estalam e baterias rebentam. Há um fremito no povo e, de repente, no imperial camarim, em meio a rosicler de fardas agaloadas, surge a figura do moço imperante, de grande gala, muito louro e muito risonho. (37)

Soam vivas e palmas ; flores atiradas, cortam longas trajectorias no espaço aclarado a sol, e a musica, no seu coreto, faz estrugir nos ares o Hymno Nacional, sons vibrantes que alevantam as turbas.

E' agora a entrada dos cavalleiros. Fazendo

(37) No salão nobre da exma. baroneza de Atibaia, hoje fallecida, existe um retrato de D. Pedro II que, parece, data dessa época.

caracolar corseis de preço e de remotas paragens, acompanhados dos escudeiros negros, entram elles em duas filas, ou verde, da côr da esperança, ou vermelha, do matiz do *bellum matribus detestatum*.

Alegria nos circumstantes. A musica varia os seus accordes.

Os mantenedores avançam na frente das linhas, soberbamente, magestosamente. Os arreios de prata scintillam; os guisos retinem. Ha um lucilar de ouro, de flores, de lantejoulas, bordados e rendas. Os coldres vêm conduzindo armas; e estas vêm carregadas.

Tem principio o simulacro de escaramuça e

Picam de esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça e teme;
Qual do cavallo vôa, que não desce:
Qual c'o cavallo em terra dando, geme...

Lusiadas, VI. 63 e 64.

E seguem-se as evoluções mais, dignas dos versos de Ariosto ou da prosa de Sir Walter Scott, os grandes pintores dos torneios medievos. E tudo isso ahi nesse largo do Rosario, ajardinado hoje, é certo, mas esquecido de suas gloriosas tradições das épocas de antanho...

Vem, de seguida, a guerra ás *cabeças de turcos*, pobres vencidos agora em effigie, como em pessoa o foram, no tempo de Boabdil, Scanderberg e Don Juan d'Austria. E os tiros se repetem na praça repleta de populares.

Mas, a tarde cae, e o jogo da argolinha começa, para terminar a funcção formosa, — a conquista e a offerta de objectos que causam inveja, resentimentos e zombarias. E afinal, encerrado o folguedo, velhos e creanças, moços e donzellas vão-se retirando saudosos.

O monarcha tambem sae, acompanhado pelos grandes da terra, pois é curioso que alli appareçam, no meio dos patriarchas de Campinas, cidadãos que dentro em pouco vão formar a nobreza campineira. Nesses dias, com certeza, lá compareciam os futuros — marquez de Tres Rios, visconde de Indayatuba e barões de Paranapanema, Itatiba, Atibaia, Itapura e Anhumas e talvez, creanças, os de Ataliba Nogueira e de Ibitinga...

Porém, o cortejo imperial desfila, de retirada, e a musica, ao estalejar dos foguetes que espipocam, atira aos ares os sons de seus metaes.

Ora, justamente no palanque onde essa musica «abrilhantava as festas», dois filhos do *maestro* Manoel José Gomes, tocando, assistiam maravilhados a esse espectáculo maravilhoso. Eram duas creanças morenas, de doze e de dez annos e respectivamente empunhando uma clarineta e tangendo os *ferrinhos* (triangulo).

As festas, as edades, os imperadores passaram.

A morte veiu e arrebatou quasi todos os que, nas festas dedicadas a D. Pedro II, o reipatriota, haviam tomado parte como figurantes ou como espectadores: esse marquez de Tres Rios, o grande millionario; esse visconde de Indayatuba, o lavrador progressista; esse barão de Itapura, o coração de ouro; esse barão de

Itatiba, que elevou uma escola ao povo ; e outros homens, nobres da sciencia, como o dr. Ricardo Gumbleton, que era um philantropo, e Joaquim Corrêa de Mello, que era um amigo dos pobres, e Hercules Florence, que era uma aguia que não teve surto num meio acanhado.

Um daquelles meninos, o mais velho, por ahi anda, encanecido e modesto, podendo ter sido um grande na historia da Arte ; e outro cresceu, partiu, atravessou os mares, penetrou nos adytos da Gloria, encheu de renome o seu pequeno berço, tornou-se maior do que todos os que assistiram ás festas de 1846, mas foi um desventurado por isso que era um genio.

Chamavam-se elles — José Pedro de Sant' Anna Gomes e Antonio Carlos Gomes.

«Na sua volta (das cavalladas) para casa de sua imperial residencia foi acompanhado de todos os Cidadãos, em cujo trajecto mostravam todos os mesmos sentimentos de prazer que os dominava, e sabendo que Sua Magestade Imperial no outro dia partia para S. Paulo, não quizerão perder um momento em que não empregassem suas vistas no Caro objecto de suas affeições. Sua Magestade Imperial, mostrando seu reconhecimento e bondade, mostrava-se agradecido a todos os sinaes de prazer que lhe demonstravão seus fieis subditos os quaes demoravão-se ao pé do Paço até as dez oras da noite.»

Dez horas da noite ! Isto, para o tempo, correspondia ás nossas horas mortas...

Quanto ao reconhecimento imperial, de

facto Sua Magestade o demonstrou, declarando concorrer com a quantia de 1:000\$000 para a continuação das obras embryonarias da matriz nova.

E' excusado affirmar que os banquetes se succediam nesse periodo, do paço ao menor tugurio e que á noite as luminarias continuavam rompendo a treva, rutilando os copinhos multicores nos arcos e as velas nas lanternas de vidro penduradas em ganchos que ainda são vistos nas janellas das habitações antigas. (38)

«Na madrugada do dia 50 (era uma segunda-feira) o tempo mostrava-se tempestuoso, todos se persuadirão que Sua

(38) Um pouco de estatística não é descabido aqui. De uma factura de generos vindos de Santos para o paço, extrahimos estes dados: «36 medidas de vinho de Lisboa, superior, a 1\$200; 15 1/2 de dito branco, a 880; 6 duzias de Champagne, a 25\$000; 36 garrafas de Bordeaux, a 320; 72 de Porto, a 410; 36 de Malaga, a 500; 46 de Malvasia, a 320; 12 duzias de cerveja preta e branca, a 5\$200; 36 garrafas de licores finos, a 800; 36 de Madeira secco, a 600.» Outros generos: «13 1/2 medida de vinagre, a 480; 5 1/2 de azeite doce, a 1\$760; 12 queijos flamengos, a 1\$000; e mais 2 meias barricas de farinha gallega, 4 caixas de passas, 1 arroba de figos, 8 presuntos, 5 1/2 duzias de paños, 3 caixas de nozes, chocolate, chá *Isão*, velas, bacalhão, pimenta do reino, manteiga, cravo, canella, 50 cocos *de comer*, etc., etc.», completo e variado sortimento. Somma tudo 773\$565, incluindo fretes e commissão.

Generos comprados aqui, para o paço: «12 frangos, a 180 réis cada um; 4 queijos londrinos, por 38\$150; chá Pérola, alcaparra, etc.; mais uma alqueire de batatas inglezas, por 1\$280; 3 perús, por 7\$600; mais 50 frangos, a 160; 2 rezes, a 24\$000.»

«Para o toalete de S. M. J. — diz outro doc. — 8 vidros de agua de Colonia, a 560; 2 sabões finos, a 800; 2 vidros de oleo de urço (?), a 1\$000; 1 caixa de perfumarias, 9\$000 »

Um fornecedor deu conta de «1 quarto (de carne) por 5\$000; 18 libras por 1\$080; coqueiros, 120.» Outro, de fornecimento de tres dias de «carne de porco fresca — oito patacas e dois vintens.» (2\$600).

O cozinheiro do paço, Carlos Oxales (talvez — *ou Charles*) ganhou 60\$000. Está averiguado que não fez como Vatel, em Chantilly...

O palacio foi lavado durante tres dias e pintado de novo. Duas bandeiras grandes que o adornavam foram feitas por Francisco de Assis Mello, custando 9\$000. O tafetá para ellas foi adquirido por 9\$600.

Pedro Crenlink, padeiro da época, apresentou uma conta de 16\$000, de pão fornecido.

Magestade Imperial não partiria, estando o tempo ameaçador de muita chuva: pois todos os Cidadãos querião ter a dita de o acompanharem: inesperadamente Sua Magestade Imperial disse que partia, e assim mesmo foi acompanhado por muitas pessoas gradas da Cidade, que cheios de sentimentos de ternura, como filhos que beijavam a mão de um carinhozo Pae se despediram de Sua Magestade Imperial, trazendo todos os sinaes de tristesa que se misturavão com o de todos como se ficassem orfãos.»

A figura é excellente, mas pecca por hyperbolica... Entretanto, o chronista fecha deste modo sua acta que vai de fls. 2 a fls. 4 do livro *ad memoriam*: (39)

«Todos fasem votos a Providencia pela vida, feliz reinado de Um Imperador, que na flor dos annos, apresenta as virtudes dos Monarcas Eroes, que são dados de modelo ao Mundo, que na flor da Idade, é Sábio, Clemente, Piedozo.»

Lavrada pelo secretario interino da Camara, Luiz de França Camargo, em sessão ordinaria de 6 de Abril, esta acta diz abaixo «*ad perpetuam rei memoriam* que o dia 26 de março ficava declarado no municipio de Festividade Municipal», «demonstrando nisto o Amor que

(39) Não obstante ter sido destinado exclusivamente á acta, esse livro serviu para registro de outros factos notaveis, *verbi-gratia* — o assentamento da primeira machina a vapor em Campinas, pelos irmãos Bierrenbach, em 1867 (fls. 4 e verso); o recebimento de autographos pertencentes ao padre Diogo Feijó, em 1872 (fls. 4 verso *usque* 6); a entrega do asylo de orphans, em 1878 (fls. 8 *usque* 9).

todos os Campineiros tributão ao Sr. Dom Pedro 2.^o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, que em tal dia onrou esta Cidade com sua Imperial Presença.» Está assignada por — Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, Bernardo José de Sampaio, Diogo Benedicto dos Santos Prado, Joaquim Polycarpo Aranha, Quirino do Amaral Campos, Manuel Fernandes Palhares de Andrade, Luciano Teixeira Nogueira, Francisco de Paula Salles e José de Barros Penteado.

Mas, ainda antes da escripta desse documento, a 30 de março, emquanto a comitiva imperial se perdia longe, numa volta do caminho de Campinas a Jundiahy, sob o céu plumbeo chorando lagrimas de chuva, — a azáfama já agora era de outra especie, na cidade que o soberano deixara . . .

A esse tempo, os aprestos alli se desfaziam ; despregavam-se cortinas ; derribavam-se coqueiros ornamentaes, e a vida tornava aos poucos á sua normalidade e apenas a lembrança dos festejos devia ainda perdurar, intensa, na memoria popular.

Já rojões não sulcavam o azul, rebentando (40); não mais sons harmoniosos se evolavam nos ares tristes . . .

(40) Os fogos encomendados a Antonio Joaquim Ribas, importaram em Rs. 547\$720, sendo : «100 duzias de foguetes, a 5\$000; 20 gyrandolas de duzia, por 20\$000; 46 de meia duzia, 23\$000; meia duzia de taboas para cruzetas e pregos, 4\$720.» Alguns recibos, — pois foram pagas as despezas em prestações, — estão assignados pelo filho do pyrotechnico, o hoje fallecido cidadão Manoel Ribas de Avila, por sua vez pae do nosso distincto conterraneo padre Ribas, digno reitor do Collegio Diocesano de S. Paulo.

Dois mulatos — um de José Alves de Almeida e outro do alferes Luiz Manuel da Silva Pereira — ganharam 5\$120 lidando com esses fogos (4 dias a 640 réis cada um).



III

DEPOIS DAS FESTAS

Festas acabadas... — As contas e as despesas. — Guerra aos Judas. — Origens do teatro S. Carlos. — O deficit: quatro vereadores salvam a situação. — «Saudade, gosto amargo de infelizes...»

PASSADOS os folguedos, esfriado o entusiasmo, longe o monarcha viajante e a côrte,⁽⁴¹⁾ deu-se o que era fatal: voltou o povo á dura realidade das cousas.

Em sessão do dia 6 de abril, a camara recebeu a conta dos gastos feitos com o pavilhão de entrada, sustento dos soldados e hospedagem do ministro⁽⁴²⁾. Foi nessa sessão, como já dissemos, resolvida a criação do livro *ad memoriam*.

(41) Diz A. Marques, vol. II, pag. 280 do seu livro, em resumo: «26 de março de 1846. S. M. I. parte de Ytú ás seis horas da manhã, almoça em Indayatuba e chega á noite em Campinas. Cavalhadas a 28 e 29. Parte de Campinas na manhã de 30, destino a Jundiahy.»

(42) Mais um pouco de estatística.

« Generos gastos em casa do ministro — Pães, 2\$; palmitos, 640; cará, 240; 2 esteiras para soldados e camaradas, 480; outra, 400; 2 garrafas de aguardente (para banho), 120; capim para o cavallo, 400;

A Semana Santa daquelle anno interrompeu durante cinco dias os trabalhos camararios.

Reabertos em 15 de abril (5.^a sessão ordinaria da época), nesse dia foi deliberado pela municipalidade mandar copias da acta dos festejos ao presidente da provincia e ao ministro do Imperio.

Essa reunião devia ter sido notavel pela approvação de um acto que, estamos certos, provocou celeuma e protestos, pois vinha attentar contra os costumes: passou ahi, contra o voto do sr. Santos Prado, o seguinte artigo de posturas: «Fica prohibido o uso de nos sabbados de Alleluia apresentarem Judas nos diversos logares da cidade, os que apresentarem serão multados em 30\$ e oito dias de cadêa»...

Foi pedida ao fiscal uma relação dos que tinham de pagar multas por andarem com taboleiros de fazenda nas ruas e não terem «calhado suas casas» na occasião das festas.

Ainda nesse dia, Luiz de França Camargo, o secretario interino desde o anno anterior, foi empossado no cargo como effectivo.

A 16 de abril, reunida, declarou a camara, oficialmente, feriado o dia 26 de março.

repolhos, 240; sal, 120; leite, 640; velas para a cosinha, 320; cebolas e alhos, 320; 1 leitôa, 1\$; » etc. De outra conta: «1 arroba de carne de vacca, 2\$560; 1 de assucar refinado, 3\$; 1/2 de café torrado, 1\$600; 1 de toucinho, 3\$200; 1 alqueire de arroz pilado, 3\$; 17 frangos, a 180; 1 colher de páo, 80; 4 urinôes brancos, a 720, e 2 canecas a 720». O cozinheiro, preto, ganhou 2\$400 (5 dias a 480 rs.) e um creado 1\$680 (3 dias a 560).

Despezas nos quartéis: «1 capado, 8\$; 2 alqueires de feijão, a 2\$; 1 alqueire de arroz soccado, 3\$200; 2 de farinha de milho, 1\$600; 1 carro de lenha, 2\$; 32 velas, a 50 rs.; 1/2 alqueire de farinha de mandioca, 1\$600; 7 1/2 arrobas de carne, a 2\$560».

No pavilhão, entre outras cousas, foram gastos 401 1/3 covados de baeta, por 85\$120; ha uma conta de varios fornecedores para o mesmo, na importancia de 278\$560.

Houve, depois, uma sessão extraordinaria em 2 de maio. Foi lida uma portaria do Governo Provincial communicando a partida de SS. MM. II. de São Paulo. ⁽⁴³⁾

Convocou-se uma nova reunião para ser tratado um assumpto importante—o pagamento da divida originada pelas grandes festas. ⁽⁴⁴⁾

O vereador Polycarpo Aranha propoz que os vereadores se cotizassem e satisfizessem o debito restante, que ainda montava a 2:000\$000. Houve grande discussão sobre a materia, ficando resolvido fazer-se um appello ao patriotismo do povo, sendo aberta nova subscrição.

A secretaria officiou por esse tempo a trinta e quatro municipes, solicitando delles a concessão de obulos, e a nove agradecendo-lhes o concurso prestado. Muitos se recusaram a novamente contribuir.

Em 7 de junho, em camara, lê-se outra portaria de Governo communicando a chegada no Rio, sem novidade, dos augustos itinerantes, a 25 de abril.

Na vereança de 6 de julho, Joaquim Bonifacio do Amaral, em officio, scientificava a camara de deixar de receber, em beneficio da subscrição, a quantia de cento e setenta e

(43) Officio impresso do presidente da provincia: «Neste momento, que são quatro e meia horas da tarde Partem desta Capital para a Cidade de Santos, onde embarcarão a 15 do corrente mez, Sua Magestade o Imperador, e Sua Magestade a Imperatriz, deixando em extremo saudosos a todos os habitantes desta Provincia. O que o Presidente da mesma Provincia, participa á Camara Municipal da Cidade de Campinas. Palacio do Governo de S. Paulo 12 d'Abril de 1846. Manoel da Fonseca Lima e Silva.»

(44) Tambem o Governo de São Paulo ficou alcançado com os festejos que fez na capital. Mas nem por isso o seu entusiasmo arrefeceu. Um anno depois, em 26 de fevereiro de 1847, houve alli extraordinarios festejos pelo anniversario que passava. Veja-se *O Governista*, n. 536, de 10 de março da era *ul supra*,

tantos mil réis que despendera, entre outras, na apromptação de seu mano Carlos do Amaral, como cavalleiro.

Em 10 de julho, foi indeferida uma petição de Candida Sucena que solicitava, por esmola, as madeiras velhas do portico, até então de pé na rua Travessa do Carmo, diz um velho documento do archivo.

O alferes Raymundo Prado, em officio de 31 de julho, remetteu á camara a relação dos subscriptores e a nota das despezas feitas com os festejos, tudo acompanhado dos documentos precisos. (45)

O balanço entre as duas quotas é o seguinte :

Despezas	5:744\$553
Receita	5:707\$340
Deficit	<u>37\$013</u>

(45) A relação das despezas é incompleta, não tendo ainda todos os fornecedores apresentado seus creditos. Os dados mais interessantes dessa relação são os seguintes :

O arco da camara foi construido por Hercules Florence, e ficou em 353\$340, occupando 12 empannados de madeira, 30 folhas de papelão grosso, 8 vigotas, 8 duzias de taboas de forro, 2 de taboas de asoalho. Foi pintado a alvaiade; gastou na illuminação, com 250 grisetas e argolinhas, 12\$500; 28 medidas de azeite de differentes preços. De pintura, 25\$000.

500 aros para illuminação desse e doutro arco, custaram 14\$000 e 500 copinhos vindos de S. Paulo, 14\$500. Despezas mais com madapolam, pregos de madeira e alfinetes do ferro. Uma carta destes ultimos custava 320 réis.

Com os animaes despendeu-se bastante. 35 cavallos do major Oliveira, que vieram transportando as pessoas da comitiva, gastaram em pastos nas noites de 26 e 27 — 41\$040. De volta, as pessoas da guarda do Imperador foram em animaes de Campinas. Foram consumidos 30 alqueires de milho, por 24\$000 ou 800 réis por alqueire. Pastos—13\$560 Um cidadão ganhou 4\$000 (1\$000 por dia) do tratamento dos cavallos, e seu camarada 480 réis. Ha uma conta mais, assim redigida: «Animaes ferrados para auxilio de Sua Magestade:—2 cavallos, 4 pés a 1\$920—3\$840; 5, das mãos, a 960—4\$800; 5, de 1 pé, 2\$500.»

O documento diz 37\$100 e especifica 76 contas diversas, fóra 5 sem numeração. Todos os gastos ainda não se achavam verificados, e o *deficit* real era de quasi dois contos.

Para a receita entrara a importancia dos leilões realizados anteriormente, de objectos não occupados ou restantes dos festejos, e levados em hasta publica na sala da municipalidade, em abril deste anno. A relação das despezas está contida em duas paginas e a dos arrematantes em cinco. ⁽⁴⁶⁾

Na sessão extraordinaria de 3 de agosto, Benedicto Taques, preto, requer pagamentos de objectos que forneceu para as cavalladas. Alguns cidadãos officiam dizendo não concorrer mais com donativos.

O vereador Santos Prado relembra a idéa de pagarem os camaristas o *deficit*.

Combina-se que os municipales Reginaldo Antonio de Moraes Salles e Joaquim Bonifacio do Amaral promovam nova subscrição e, si faltar dinheiro, que os edis paguem *pro rata*.

Essa indicação passou pelo voto de qualidade.

(46) Arremataram objectos, entre outros: Antonio Cesarino, 1 lata de assucar refinado, 2\$300; Reginaldo A. Moraes Salles, 19 covados de setim, a 400; Sarmiento, 12 garrafas de champagne, a 1\$500; mais 7 de outros preços; 1 farda verde, por 3\$300; dr. Ricardo, 6 garrafas de Porto, a 500; Francisco Joaquim, 1 garrafa de cerveja, por 500; João Martins de Azevedo, 16 garrafas de champagne pequenas, a 920; Francisco de Paula Antunes, 1 garrafa de champagne, 2\$000; 1 bandeira de tafetá, por 2\$300, etc. E assim por diante - canecas, copos, louças, fitas e rendas, tudo ao *correr do martello*. O pavilhão de entrada foi arrematado por 52\$000 pelo vereador Santos Prado.

Da louça das festas, o autor deste escripto possuiu um prato azul, travesso, e offereceu-o ao dr. Joaquim Alvaro de Sousa Camargo. Tinha pertencido ao cidadão Francisco Teixeira Nogueira.

Ainda nesse dia deliberou-se pedir ao governo a entrega do donativo de S. M. para as obras da matriz em construcção.

O cavalleiro Luiz Nogueira impetra o pagamento das despezas que fez, na sessão de 10 agosto. Respondeu-se-lhe que seria attendido opportunamente.

A reunião dos veareadores campineiros em 14 de setembro foi grande pela extensão e pela importancia.

Primeiro, foi lida a communicação do nascimento de uma princeza ⁽⁴⁷⁾ em 29 de julho ultimo, ordenando a camara que houvesse luminarias durante tres noutes.

O governo manda pôr á disposição da municipalidade o conto de réis offerecido pelo Imperador.

Leu-se, depois, um requerimento em que José Franco de Andrade, Sebastião José Xavier de Brito, Manuel Cardoso de Almeida e Silva e Francisco de Paula Antunes, como socios, pediam uma data de terreno atraz da Matriz Nova, para construcção de uma casa de theatro — noventa palmos de frente por cento e cincoenta de fundo — o que lhes foi concedido com a clausula de reversão para o patrimonio municipal, caso não fosse realizada a idéa. ⁽⁴⁸⁾

(47) D. Isabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriella Raphaella Gonzaga, reconhecida herdeira do throno pelo dec. de 14 de agosto de 1850, prestando juramento em 29 de julho de 1860. Casou-se em 15 de outubro de 1864 com o principe Luiz Phelippe Maria Fernando Gaston de Orleans, conde d'Eu. Foi regente do imperio tres vezes e acompanhou seu pae no exilio.

(48) Tendo a autorização, em 1 de novembro de 1846 fundou-se a associação encarregada de construir o theatro S. Carlos, emitindo acções no valor de 18:400\$000. O edificio foi terminado em fins do anno de 1847.

Abriu-se nova discussão a proposito da divida resultante dos festejos, já reduzida a..... 1:209\$130, de que ainda se deduziu a quantia de 45\$000 por ordem do vereador Quirino de Campos.

Venceu, afinal, a indicação de se fazer o rateio entre os camaristas. Como, porém, alguns reluctassem, a quantia de 1:164\$130 (*deficit* actual) foi repartida pelos vereadores Camargo e Castro, Joaquim Polycarpo Aranha, Diogo Prado e José de Barros Penteado, á razão de 291\$040 cada um. Sendo paga essa importancia, liquidou-se a ultima divida e esvahiou-se a nuvem negra que pairava sobre o erario municipal.

No anno seguinte (1847) mandou ainda a camara publicar edital ordenando luminarias nas noites de 25, 26, e 27 de março, anniversario das festas. ⁽⁴⁹⁾

E não ha mais referencias, em livros officiaes, a esse periodo brilhante da vida campineira antiga. E mesmo hoje, os poucos, os raros que ainda sobrevivem, talvez não mais delle se recordem. . .

Um anno quasi de luctas, de agitações, de esforços, de alegria e de tristeza, eis o que foram as festas memoraveis de 1846 no tempo em que ainda o povo amava os seus reis e

(49) Vem de molde observar que os principaes campineiros que figuraram nesses festejos eram liberaes, os mesmos que, quatro annos antes, haviam se rebellado contra o governo imperial, ou seus assecas. Desde 1844, 2 de Fevereiro, tinha o partido liberal feito ascensão ao poder, com o ministerio do visconde de Macahé futuro, cahindo só em 1848, quando os conservadores subiram, com o gabinete do Marquez de Olinda, em 29 de setembro. (Villa Lobos, *Historia*, pgs. 561-62.) Isso explica, em Campinas, o retrahimento dos *casquados*, vencedores dos *farrapos* em 1842, e no ostracismo em 1846.

Mudaram-se hoje os tempos, mas os homens ainda são os mesmos...

Campinas era uma terra bem pequena, sem deixar perceber o desenvolvimento que lhe estava reservado.

Tudo isso para que — paraphraseando Lord Lytton — cincoenta e oito annos depois, supprindo com o excesso da vontade a falta de talento viesse um incompetente falar desses festejos e dessas eras, retirando do pó dos archivos e dos escaninhos da tradição a prova de amor que os campineiros de outróra votavam ao representante do *direito divino* e á terra que lhes era o berço, notavel pelo *bairrismo* de seus filhos.

Vão estas linhas com destino aos velhos, áquelles que, carregando a edade e carregando os achaques, hoje vivem a sentir, olhando o passado, os espinhos da saudade, «gosto amargo de infelizes. . .»

29 - 12 - 1904.



